

Análise das formas e oleiros sudgálicos presentes em Chãos Salgados

1. Análise das Formas

1.1. Formas lisas

1.1.1. Pratos

1.1.1.1. Ritt. 1

Segundo Ritterling, este prato, com parede baixa e arqueada, é inspirado no prato augustano Loeschecke 4 de Haltern (= Consp. 4.4 de Ettlenger et al., 1990). No espólio de Hofheim o arqueamento da parede é constante nos poucos exemplares exumados, bem como a canelura na superfície interna da parede, mais próximo do bordo; um ressalto na união interna da parede com o fundo ocorre igualmente. O lábio possui um sulco estreito. Gradualmente esta forma evolui para o tipo 2 de Ritterling — Drag. 18 — (Ritterling, 1912, p. 204).

A descrição formal realizada posteriormente por Oswald e Pryce pouco acrescenta ao que já havia dito Ritterling alguns anos antes. Na esteira do arqueólogo alemão, Oswald e Pryce denominam-na Ritterling 1 e reafirmam a evolução contínua entre esta forma e a Drag. 18, fenómeno visível através do espessamento progressivo do lábio (Oswald e Pryce, 1920, p. 181).

Cronologicamente, os autores ingleses apontam os exemplares de Xanten e Aislingen, augusto-tiberianos, como os mais antigos de um tipo que não deverá atingir a época flaviana (Oswald e Pryce, 1920, p. 181).

Polak não aceita a relação evolutiva entre a forma itálica, Loesch. 4 = Consp. 4.4 e a sudgálica Ritt. 1, pois a cronologia da forma itálica atinge a época cláudia, sendo que a Ritt. 1 começa a ser produzida já no primeiro quartel dessa centúria (Polak, 2000, p. 83).

O autor da monografia de Vechten propõe o reinado de Nero — por volta do ano de 65 d.C. — como término da produção desta forma. Os dados mais recentes são uma marca do oleiro *Germanus*, cuja actividade se inicia em 60 d.C., os exemplares recolhidos na fossa de *Galicanus* e no depósito Cluzel 15, em La Graufesenque, datados de 60 d.C., e dois outros exemplares pertencentes a Oberwinterthur, encontrados em níveis de destruição neronianos (Polak, 2000, p. 83).

Polak apresenta ainda alguns dados sobre a evolução formal deste tipo, procurando dar-lhe algum enquadramento cronológico. Assim, considera que nos exemplares mais antigos o bordo não se projecta claramente para o exterior e estes exemplares estão munidos muitas vezes de asa cega em espiral; os vasos cláudio-neronianos têm geralmente paredes menos curvas e bordos mais volumosos que se distinguem mais pronunciadamente da parede; o ressalto passível de existir na união interna ou externa da parede com o fundo pode ter um significado temporal restrito, embora o caracterize como um atributo mais frequente em épocas altas (Polak, 2000, p. 83).

Passelac e Vernhet (1993, p. 577) situam esta forma entre os anos de 20 e 60 d.C.

Dos quatro exemplares de Chãos Salgados destacamos três, um dos quais já publicado por L. Ferrer-Dias. Este último exemplar possui as características propostas pelos vários autores para as fases mais antigas da produção desta forma, com parede bem arqueada, lábio pouco pronunciado e ressalto externo na união da parede com o fundo; é muito parecido com um exemplar recolhido em níveis tibério-cláudios de Mainz (Oswald e Pryce, 1920, est. XLIV, n.º 3). O n.º 72 (Mir-23-5[600?]) é constituído por duas caneluras internas — menos usual —, um lábio ainda pouco pronunciado, mas com uma parede algo recta, o que lhe confere uma cronologia cláudio-neroniana; tal como o n.º 73 (Mir-200-24), provavelmente ainda mais tardio neste âmbito temporal, de parede curva, mas lábio bem pronunciado.

Os valores dos diâmetros das peças de Chãos Salgados variam entre 140 e 161 mm, o que lhes confere uma certa homogeneidade, apesar da escassez de exemplares. A mesma constância parece ocorrer ao nível dos vernizes e das pastas, sendo que o exemplar mais tardio, n.º 73 (Mir-200-24), possui a pasta de menor qualidade.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
73 (Mir-200-24)	b		3	3	db: 16 mm
Mir-274-II	b	duas caneluras internas	2	3	db: 14 mm
72 (Mir-23-5[600?])	b	duas caneluras na parede interna	2	3	db: 140 mm
263 (Dias, 1976-1977, n.º 65)	b,c,f				db: 159 mm

1.1.1.2. Drag. 17b

A forma 17 de Dragendorff foi posteriormente sub-dividida em Drag. 17a e 17b por Vernhet (1986b), sofrendo ainda uma ulterior proposta de divisão por Polak (2000), autor que acrescenta um sub-tipo, Drag. 17c, equivalente à proposta de Vernhet (1986b) de Drag. 2/21.

A forma Drag. 17a, não representada no espólio de Chãos Salgados, é aquela que segundo Polak mais se aproxima da forma 17 de Dragendorff e deriva da *sigillata* itálica Loesch.2a (=Consp. 18.2 de Ettliger et al., 1990). Possui uma parede curva tendente ao exterior, por vezes roletada, e a sua evolução física é bastante restrita ou mesmo nula (Polak, 2000, p. 87; Vernhet, 1986b, p. 98).

A sua produção sudgálica deve ter começado a par do próprio início de laboração das oficinas desta região, sendo por isso, frequente em sítios de época augustana, ou tiberianos, como Aislingen (Polak, 2000, p. 87). A cronologia desta forma é análoga à da Drag. 15/17, com um fim comum por volta do ano 40 d.C. (Polak, 2000, p. 87).

A Drag. 17b — que nos interessa discutir mais profundamente — apresenta grandes semelhanças com o sub-tipo Drag. 17c, de tal modo que o autor holandês opta por discuti-las em conjunto na sua monografia sobre o acampamento de Vechten (Polak, 2000, p. 89). Ambas têm parede plana, ou quase plana, ligeiramente inclinada para o exterior. O bordo da Drag. 17b é extrovertido e a união da parede e do fundo deste sub-tipo é realizado com um ressalto externo. Na Drag. 17c existem apenas caneluras internas ou externas junto ao bordo e na união da parede com o fundo (Polak, 2000, p. 89).

Sucessora da forma itálica Loesch. 5a (=Consp. 20.1-5 de Ettliger et al., 1990), a sua produção começará igualmente durante Augusto, nas oficinas sudgálicas. Segundo os dados de Vechten, as três variantes da Drag. 17 terão até sido produzidas parcialmente por oleiros comuns. Assim, neste acampamento do baixo Reno, as marcas demonstram que o oleiro *Cantus* produziu Drag. 17b e 17c, o oleiro *Silvanus*, Drag. 17a e 17c, e por último, *Tertius* comercializou Drag. 17a e 17b (Polak, 2000, p. 89).

A comercialização desta forma deve ter ocorrido de maneira mais perceptível em época alta, segundo Polak. Surge em sítios augustanos como Aislingen; mas em contextos mais tardios, apenas é conhecida pelas escavações de La Graufesenque: no depósito de Cluzel 15, neroniano, no qual se detecta alguma evolução física, com um espessamento da parede e do pé. Outro aspecto evolutivo destas peças relaciona-se com o tamanho: os exemplares grandes — cuja cronologia é geralmente considerada alta — são conhecidos no NW do Império, os exemplares pequenos são conhecidos através do depósito Cluzel 15, neroniano (Polak, 2000, p. 89).

É conhecido ainda um exemplar de Vechten com roleta (Polak, 2000, p. 90) e outros planos, mas com asa cega em espiral, ao longo do Império (Polak, 2000, p. 90). Um exemplar com asa foi datado em Mainz, de época tibério-cláudia (Oswald e Pryce, 1920, est. XLII, n.º 10).

Por analogia com as datações propostas para a Drag. 15/17 e 17a, Polak propõe o ano 40 d.C., como provável fim da produção deste tipo (Polak, 2000, p. 90). No entanto os dados do depó-

sito Cluzel 15 de La Graufesenque, datado de época neroniana suscitam algumas dúvidas quanto ao término proposto pelo autor holandês.

Passelac e Vernhet (1993, p. 572) situam este tipo entre 25 e 60 d.C.

Em Chãos Salgados detectámos três exemplares: um sem contexto estratigráfico, outros dois provenientes da escavação da encosta do museu e da área circundante à *Domus* da calçada (construção n.º 3).

O n.º 74 (Mir-16-28), sem contexto, possui um diâmetro mais largo, com cerca de 201 mm e parede delgada, talvez próximo dos espólios mais antigos referidos por Polak.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Sector	UE	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz	Medições
74 (Mir-16-28)	—	—	D17b	b	2	2	db: 201 mm?

Pelo contrário, o n.º 58 (Mir-800-291), recolhido na UE 457 — sem grande significado no contexto da ocupação da encosta, pois trata-se de terras contendo materiais de provável rolamento — apresenta, contudo, aspectos interessantes para uma análise cronológica: o espessamento da parede e do bordo, bem como o seu diâmetro relativamente mais pequeno (180mm) suscitam a hipótese de uma cronologia mais baixa, próxima da do depósito de Cluzel 15, neroniano, ou do término proposto por Polak, por volta do ano 40 d.C..

A sua forma menos comum ao geralmente representado nas estampas (Oswald e Pryce, 1920, est. XLII, n.ºs 9, 10 e 11. Vernhet, 1986b, p. 98) deixa, contudo, algumas dúvidas quanto à classificação.

Os diâmetros de ambas as peças de Chãos Salgados são semelhantes ao da peça n.º 11 da est. XLII de Oswald e Pryce (1920), proveniente de níveis tibério-cláudios de Mainz.

O n.º Mir-566-16 é demasiado pequeno para se fazer uma leitura adequada do perfil e do diâmetro e provém de uma camada de derrubes no exterior oeste da *Domus* da calçada.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morfologia	Pasta	Verniz	Medições
Encosta do museu	1997-2000	457	58 (Mir-800-291)	D17b?	b	2	3	Db: 180 mm
Área circundante a C3	1995-6	178	Mir-566-16	D17b	b	2	3	db: ?

1.1.1.3. Drag. 15/17

Ritterling atribuiu a nomenclatura de 4a e 4b da sua tipologia à Drag. 17, descrevendo-a como um prato com parede de perfil muito trabalhado e moldura em quarto de círculo, derivada da Loesch. 3 itálica (=Consp. 19.2 de Ettlenger et al., 1990). Segundo o mesmo autor, costuma possuir duas caneluras externas na parede, sendo esta um pouco reentrante entre elas. O bordo é estreito e tem uma moldura interna bem marcada e é aplanado no topo. O perfil da parede é diverso em alguns exemplares (Ritterling, 1912, p. 206).

Por outro lado, nesse mesmo ano, Knorr havia optado pela denominação de Drag.15 ao debruçar-se sobre a mesma forma (Polak, 2000, p. 66; Oswald e Pryce, 1920, p. 173).

Em 1920, Oswald e Pryce (p. 173) criam então o tipo conjunto Drag.15/17, procurando sintetizar as propostas dos três autores.

Estes autores ingleses dão algum destaque à forma Drag. 17 — não fazendo qualquer distinção de sub-tipos —, no seio do conjunto 15/17. Segundo eles, a forma 17 possuía uma parede

praticamente vertical que raramente continha moldura interna, ou poderia ter parede convexa na metade inferior (Oswald e Pryce, 1920, p. 173).

A Drag.17 será posteriormente sub-dividida em 17a e 17b, por Vernhet (1985b), assunto que aprofundamos no capítulo sobre a Drag. 17b presente no nosso espólio. Este autor francês apresenta igualmente as formas Drag. 15, 16 e 15/17, como independentes (Vernhet, 1985b).

Polak interpreta a Drag. 15 como uma evolução tardia da Drag. 15/17, embora a aceite como um tipo com identidade própria. Nomeadamente pela presença de roleta em vários exemplares (Polak, 2000, p. 66).

Oswald e Pryce haviam igualmente individualizado a forma Drag. 16 (1920, p. 172), que Ritterling denomina com o n.º 3 da sua tipologia (Ritterling, 1912, p. 206), considerando-a uma derivação da itálica Loesch. 1. Na verdade, este tipo sud-gálico deriva da itálica Loesch. 2a e possui uma cronologia que abrange os tempos de Tibério até à época neroniana, a ver pelos exemplares da fossa de *Galicanus* e do depósito Cluzel 15, em La Graufesenque (Polak, 2000, p. 87).

A Drag. 15/17 sudgálica começou a ser produzida nos inícios do século I d.C., provavelmente na mesma altura que a Drag. 17a, embora a única prova desta possível relação cronológica seja a presença de vários exemplares de ambas as formas com marcas dos mesmos oleiros, na fossa de *Cirratius*, em La Graufesenque, de datação um pouco avançada, 35-40 d.C. A par da taça Drag. 24/25 foi o prato mais importante da primeira metade do século I; a sua percentagem diminui fortemente a partir do ano 60 d.C. (Polak, 2000, p. 86), embora ainda possa surgir, excepcionalmente, em quantidades dominantes, como acontece nas escavações de níveis neronianos de Narbonne (Fiches; Guy e Poncin, 1978, p. 192). Nos níveis flavianos de Hofheim a sua frequência é nitidamente inferior em face dos valores observados nos níveis cláudios (Ritterling, 1912; Oswald e Pryce, 1920). Continua a ser produzida em época flaviana, surgindo em Rottweil — 33 exemplares — (Knorr, 1912), ou no exterior da fortaleza de Nijmegen — mais de 500 exemplares — (Polak, 2000). Conhecem-se vários oleiros produtores desta forma, como *Flavius Germanus*, *Suplicius* e *L. Cosius Virilis*, datados do último quartel do século I (Polak, 2000, p. 86-7). Para Oswald e Pryce, esta forma foi produzida apenas no século I (1920, p. 175); Polak levanta algumas dúvidas, mas apenas baseado no facto do centro fundado por volta de 100 d.C., de Martre-en-Veyre, na Gália central, ter produzido também este tipo (Polak, 2000, p. 87).

Segundo Oswald e Pryce (1920, p. 173), esta peça tende ao esvasamento, através de um aumento do ângulo produzido pela união da parede com o fundo; a concavidade externa da parede pode ser mais frequente nas peças tardias, bem como um maior afastamento do ressalto na superfície interna da parede; a partir de Cláudio o fundo da peça deixaria de ser horizontal para aumentar de altura no seu centro. Na época flaviana, além da maior obliquidade da parede, verifica-se um acentuar da profundidade dos vasos.

Quanto ao desenvolvimento da moldura interna, na união da parede com o fundo, Polak não aceita a proposta de Ritterling quanto à maior extensão daquela em épocas mais recentes, pois conhecem-se vasos flavianos contendo moldura igualmente pouco extensa (Polak, 2000, p. 86; Oswald e Pryce, 1920, est. XLIII).

Em 1993, Tyers (p. 133) propôs a divisão em dois subtipos, baseado apenas nas caneluras e molduras da superfície externa da parede dos exemplares dos níveis neronianos de USK:

- Drag. 15/17a: com parede quase recta possuindo apenas uma única canelura larga laçada inferior e superiormente por uma canelura fina;
- Drag. 15/17b: com parede menos recta, projectada para o exterior, possuidora apenas de uma fina canelura, ou por vezes, duas espaçadas.

Os dados flavianos do Naufrágio de Cala Culip IV vieram trazer novas explicações para a diversidade formal destas peças, nomeadamente quanto à configuração da superfície externa da parede. Ultrapassando o conceito de “tipo”, Nieto Prieto et al. (1989, p. 150-152) propõem uma diversidade assente na criatividade dos vários oleiros. Baseados nas peças marcadas pelos fabricantes, apresentam quatro diferentes vasos de Drag. 15/17.

Nas peças do oleiro com a marca O CIRNI (4.1 do seu catálogo), a moldura é feita na parte inferior da parede e acima dessa moldura há uma grande canelura ladeada de duas pequenas;

Nas peças de OF. IVCVN (2.3 do seu catálogo), a canelura é mais central e a parede mais plana; a moldura é muitas vezes desenvolvida e até irregular ao longo da peça;

Nas peças de OF. SABINI (12.1 do seu catálogo), a moldagem é muito uniforme e angulosa, na parte inferior da parede, constituída por duas caneluras mais marcadas, podendo a inferior ter o dobro da largura da superior; o troço de parede acima das caneluras é muito plano;

Por fim, nas peças de OF. PATRICI, as caneluras são semelhantes às de OF. SABINI, mas a parte superior da parede é convexa e não recta, como acontece no segundo oleiro.

As peças neronianas de USK possuem diâmetros que variam entre 160 e 190 mm, em 85% dos casos, havendo um máximo incomum de 340 mm (Tyers, 1993, p. 133).

Os diâmetros das peças flavianas de Cala Culip são mais pequenos e variam entre 153 e 160 mm, o que lhes confere uma grande uniformidade neste aspecto. Apenas duas peças, em 85 NMI, têm diâmetros próximos de 140 mm. A altura do pé possui um valor constante de 10 mm (Nieto Prieto et al., 1989, p. 80).

Em Neuss, ocupado em Tibério e reconstruído na era flaviana, a maioria dos cerca de 600 exemplares possui diâmetros variáveis entre 160 e 240 mm, âmbito extremamente lato, havendo um máximo de 400 mm, incomum no espólio (*apud* Tyers, 1993, p. 133).

Quanto ao espólio de Chãos Salgados, os diâmetros dos 29 bordos com valor determinável variam entre 126 e 320 mm, embora o valor médio se situe nos 186 mm, já que os valores acima dos 200 mm são mais raros — apenas 8 bordos. A variedade caracteriza nitidamente o espólio em estudo: na casa dos 120 mm existem 2 exemplares; na dos 130 mm, 2 exemplares; na dos 140 mm, 3 exemplares; na dos 150 mm, 5 exemplares; na dos 160 mm, 2 exemplares; na dos 170 mm, 3 exemplares; na dos 180 mm, 2 exemplares; na dos 190 mm, 3 exemplares. Esta variedade, num espólio basicamente sem contexto estratigráfico, que deve enquadrar-se, por isso, no âmbito cronológico vasto do tipo Drag. 15/17, assemelha-se aos resultados obtidos em Neuss. A única característica comum, no seio do espólio de Chãos Salgados, é o esvasamento das peças, o que pode conferir-lhe uma cronologia um pouco mais avançada no âmbito cronológico da produção da forma nas oficinas sudgálicas.

Das 43 peças estudadas directamente por nós, 27 possuem pasta do tipo 2, 15 possuem pasta do tipo 3 e apenas 1 possui pasta do tipo 1. O verniz de tipo 2 surge 16 vezes e o de tipo 3, em 27 exemplares. Assim, se o verniz mais fraco é maioritário, já ao nível das pastas a coleção de Drag.15/17 indica uma situação inversa, com um maior cuidado de fabrico.

Três possuem marca de oleiro e um fragmento de pé, com 137 mm de diâmetro, possui um grafito.

Os quatro fragmentos de bordo melhor preservados apresentam paredes inclinadas e finas caneluras, duas características constantes no espólio. O n.º 78 (Mir-3-305) apresenta ainda o arranque da moldura externa na parede, que marca a inflexão da mesma. A posição das caneluras é variável, bem como a do ressalto na superfície interna abaixo do bordo.

Apesar da exiguidade da maioria dos fragmentos, é possível igualmente constatar a existência de dois tipos de parede, embora sem quantificações precisas: uma recta e outra levemente curva. A primeira é representada pelo n.º 75 (Mir-120-275); a segunda pelos n.ºs 76 (Mir-16-3), 77 (Mir-63-5) e 78 (Mir-3-305).

O n.º 65 (Mir-388-4) possui enquadramento estratigráfico, proveniente de uma camada superficial, a Norte da *Domus* da calçada (construção n.º 3). Possui parede recta, leves caneluras e a inflexão marcada pela moldura interna.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca/Grafito
			187 (Dias, 1976-1977, n.º 107)	f					OF.LA[BIO]
			189 (Dias, 1976-1977, n.º 110)	f					MASCVLVSF.
			204 (Dias, 1976-1977, n.º 117)	f					PRIMVLI
			75 (Mir-120-275)	b	Bordo liso e moldura na superfície interna e caneluras na externa	2	3	db: 146 mm	
			76 (Mir-16-3)	b	Bordo liso e moldura interna e incisões externas	3	2	db: 136 mm	
			78 (Mir-3-305)	b	Moldura interna e incisão externa ao bordo liso	3	3	db: 212 mm; hbc: 29 mm	
			77 (Mir-63-5)	b	Bordo liso e caneluras externas e interna	2	2	db: 156 mm	
			Mir-72-9	f		2	3	dp: 137 mm	Grafito
área circundante a C3	1995-1996	60	65 (Mir-388-4)	b		3	3	db: 157 mm; hbc: 26 mm	

1.1.1.4. Drag. 18

Ritterling (1912) e Oswald e Pryce (1920) consideram esta forma como sucedânea da Ritt. 1 sudgálica; mais recentemente, Polak admitiu a possibilidade desta forma derivar antes da itálica Consp. 4.3 (Ettlinger et al., 1990), já que apresenta semelhanças formais mais nítidas e torna mais fácil explicar a sucessão das duas formas no tempo, pois a Ritt. 1 e Drag. 18 possuem épocas de fabrico parcialmente sobrepostas (Polak, 2000, p. 91).

Foi fabricada no espaço sudgálico, e nomeadamente em La Graufesenque, entre 10 e 120 d.C., embora a sua exportação significativa se inicie apenas sob Cláudio (Polak, 2000, p. 91).

Ritterling correspondeu a sua forma 2 à n.º 18 de Dragendorf, descrevendo-a como um prato com parede levemente curvada, de maior ou menor inclinação, e lábio de secção em meio-círculo. Descreveu-a igualmente como possuidora de uma moldura interna na união parede/fundo, podendo surgir o mesmo fenómeno na superfície externa dos vasos mais antigos. A forma evoluía tendendo ao espessamento da parede e do lábio, bem como a uma maior inclinação da parede. Os lábios mais antigos podiam possuir canelura na parte superior. Na verdade, Ritterling tinha já noção das diferenças entre as variantes a e b da sua forma 2 e ao longo da sua descrição fala também da Drag. 31, apercebendo-se de que representava um momento cronológico diferente, sucedâneo da Drag. 18 (Ritterling, 1912, p. 205).

A mesma evolução formal foi apreendida por Oswald e Pryce (1920, p. 181) que tratam as formas Drag. 18 e 31, mas propondo igualmente uma nova classificação de Drag. 18/31, para uma fase de transição. Datam esta fase de Domiciano-Trajano, segundo os dados de Wiesbaden

Kastell, Bregenz “Cellar-find” e Gellygaer, situados entre 80 e 110 d.C., sendo que as marcas destes vasos são de oleiros que começam a sua actividade na época flávia.

Em 1993, Passelac e Vernhet (p. 572) propõem as nomenclaturas de Drag. 18a e Drag. 18b, equivalendo esta última à Drag. 18/31; datam a primeira forma de 15-60 d.C. e a segunda de 60 a 150 d.C.

Os autores ingleses consideram, tal como Ritterling, que a moldura externa ou interna na união parede/fundo é característica sobretudo dos exemplares mais antigos, embora não considerem este atributo como um parâmetro cronológico seguro devido à sua ausência em vasos antigos (Oswald e Pryce, 1920, p. 181). Este atributo é considerado pré-flaviano por Polak, a partir do estudo do espólio de Vechten (Polak, 2000, p. 91). Os materiais cláudio-altoneronianos de *Camulodunum* possuem geralmente este atributo que tende a desaparecer na década de 50 do século I d.C.. Nos materiais neronianos de USK, 2/3 não possuem o ressalto externo e raramente apresentam o interno (Tyers, 1993, p. 133).

O topo do bordo pode ser marcado por uma canelura, datada da primeira metade do século I d.C., por Polak (2000, p. 91), existente ainda nos níveis cláudios de Hofheim (Ritterling, 1912, p. 205; Oswald e Pryce, 1920, p. 181). O lábio pré-flaviano pode ser também levemente biselado (Polak, 2000, p. 91).

Os fundos mais tardios já não são horizontais e tomam uma secção transversal alteada no centro, por vezes quase cónica (Oswald e Pryce, 1920, p. 181).

Quanto às medidas das peças desta forma, os estudos de Vechten, USK e Cala Culip vieram trazer novos contributos com aspectos interessantes para o debate cronológico.

Em Vechten, os pratos com mais de 175 mm de diâmetro de bordo são geralmente pré-flavianos; com menos de 160 mm são geralmente flavianos (Polak, 2000, p. 76).

Em 80% dos exemplares neronianos de USK, os diâmetros variam entre valores de 160-190 mm (Tyers, 1993, p. 133).

Os dados do naufrágio vespasiano de Cala Culip IV são porventura os mais interessantes, pois contêm duas séries métricas: uma primeira, com 140 mm; uma segunda, com 160 mm. Contudo, para os autores, a grande diferença entre as duas séries de peças não é a distribuição bimodal dos diâmetros, mas antes o próprio perfil, que nos exemplares de maior diâmetro é mais compacto, mais profundo e de paredes mais rectas, ou seja, sem a quebra de perfil típica da Drag. 18. Identificam esta segunda série à Drag. 18/31 (Nieto Prieto et al., 1989, p. 145-146).

Temos então as duas formas, a Drag. 18 e Drag. 18/31 — de transição para a Drag. 31 (ou seja, o perfil mais pesado da Drag. 18) — a serem elaboradas na mesma época. Com esta constatação não pretendemos afirmar que sejam duas formas distintas como defendia Dragendorf, mas antes notar que a evolução física de uma forma pode apresentar momentos de simbiose entre aspectos de etapas sucedâneas, o que, a ser verdade, nos obriga a olhar com mais cuidado para uma visão puramente estatística dos atributos cronológicos, tal como já ficou em aberto com a discussão dos pratos Drag. 15/17 do mesmo naufrágio, os quais apresentavam diferenças estilísticas segundo os vários oleiros. Estas características respeitantes à “arte” de cada oleiro não foram, contudo, identificadas no espólio de Drag. 18 de Cala Culip (Nieto Prieto et al., 1989, p. 149).

O pé-de-anel da segunda série é mais alto, com 10 mm, do que o da primeira série, com 8 mm (Nieto Prieto et al., 1989, p. 149). A existência de duas medidas levanta uma questão semelhante para o debate cronológico. Segundo Polak (2000, p. 75), os pés mais altos são mais antigos do que os mais baixos; em Cala Culip IV, os pés mais altos surgem na série 2, assimilada à Drag. 18/31, que, pela lógica, deveria então possuir pés mais baixos.

Quanto aos materiais de Chãos Salgados podemos, no que respeita à forma em questão, falar de peças sem contextos e de algumas com contexto conhecido, sendo que, algumas destas

provêm de escavações antigas cuja contextualização não é estratigráfica, mas meramente sectorial, no âmbito da planta do sítio.

Nos 87 exemplares passíveis de estudo directo, 53 exemplares possuíam pasta de tipo 2, 29 exemplares de tipo 3, e 5 exemplares de tipo 1, o que revela algum cuidado na escolha das pastas. Tal não acontece na confecção dos vernizes: o tipo 3 surge em 66 exemplares, o tipo 4 em 1 exemplar, o tipo 2 em 18 exemplar; o verniz 5 (marmoreado) surge em 1 exemplar, de escavações antigas, mas com situação conhecida, sendo oriundo da “casa dos frescos” que pensamos ser a *domus* situada em frente à construção n.º 3 do nosso estudo.

Os diâmetros dos bordos variam entre 104 e 282 mm, tendo como valor médio 172 mm. Apresentamos de seguida um quadro dos valores por escalões:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
100-109 mm	2
110-119 mm	5
120-129 mm	4
130-139 mm	5
140-149 mm	9
150-159 mm	8
160-169 mm	6
170-179 mm	10
180-189 mm	4
190-199 mm	6
200-209 mm	1
210-219 mm	1
220-229 mm	4
230-239 mm	3
240-249 mm	5
250-259 mm	0
280-289 mm	2

Se aceitarmos as propostas de Polak (2000) para a datação dos diâmetros, teríamos então a seguinte *tendência evolutiva* de tamanhos:

- um primeiro grupo pré-flaviano, com os maiores valores métricos, englobando 20 exemplares;
- um período intermédio, tendo em conta os dados neronianos de USK — cujos valores variam entre 160 e 190 mm (Tyers, 1993) —, bem como da fossa de *Galicanus*, em La Graufesenque, datada de 55-60 d.C. — com dois grupos de diâmetros de 135 e 170 mm (Polak, 2000, p. 70) —, englobando 20 exemplares;
- um período flaviano e possivelmente também pós-flaviano, com os menores valores, nos quais se integram também as duas séries de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989), englobando 33 exemplares.

Parece-nos, enfim, haver leituras contraditórias ao longo dos vários trabalhos, que por vezes associam os maiores diâmetros e perfis mais pesados à Drag. 18/31, como acontece na monografia de Cala Culip IV. Na verdade, esta forma mais pesada, não tem necessariamente os

maiores diâmetros, aceitando que estes diminuem ao longo do tempo, como propõe Polak, embora este mesmo autor refira que os valores são algo flutuantes ao longo do tempo (Polak, 2000, p. 75). Na fossa de *Galicanus*, os diâmetros acima mencionados — um pequeno, cujo valor principal é de 135 mm e um grande, cujo valor principal é de 170 mm — constituem os dois grupos dominantes, mas existem peças de todos os diâmetros; embora Polak aponte o valor de 150 mm como linha divisória, a diversidade é tal que ambos os grupos se sobrepõem parcialmente (Polak, 2000, p. 75).

Segundo os dados de Vechten, além dos diâmetros diminuírem, a altura dos pratos aumenta, pelo que entende que pratos com mais de 40 mm de altura “não são anteriores a Nero” e pratos com menos de 39 mm de altura são “geralmente pré-flavianos” (Polak, 2000, p. 76).

A leitura mais recente de Polak dos dados de Vechten é contraditória, em face das propostas geralmente aceites. O próprio Polak aceita a Drag. 31 como uma simples evolução da Drag. 18, propondo a designação única de Drag. 18, mas não esclarece totalmente a contradição destes dados por si obtidos. Refere, contudo, que muitos autores pensam que os diâmetros maiores da Drag. 18, no século I, são Drag. 18/31, o que, para ele, é errado, a ver pelas estatísticas de Vechten. Cremos que, se Polak tivesse elucidado sobre o eventual espessamento das paredes e dos lábios, a par do aumento da altura e da diminuição dos perfis, poderíamos aceitar o quadro evolutivo de um só tipo — Drag. 18 —, de uma forma mais coerente.

A análise de outros atributos das peças de Chãos Salgados revelou a existência de três peças com incisão no topo do bordo, como o n.º 87 (Mir-14-67) — de 242 mm de diâmetro — usual na primeira metade do século I d.C..

Seis exemplares possuem canelura no fundo interno — Polak (2000, p. 81) refere que muitos exemplares da primeira metade do séc I d.C. possuem dupla canelura; em níveis neronianos de escavações efectuadas no porto de Narbonne, surgem exs. de Drag. 18 com canelura no fundo interno (Fiches, Guy e Poncin, 1978, fig. 3). O n.º 193 (Mir-2001-019-28[CENAC]) possui igualmente marca.

O ressalto interno na união parede/fundo surge 12 vezes (2 das quais como incisão) e externamente 1 vez. Usual também nos exemplares pré-flavianos, foi detectado em peças de diâmetros variáveis: em quatro casos as peças possuíam bordos cujos diâmetros eram de 113, 159, 170 e 244 mm. O n.º 80 (Mir-4-2), possui igualmente canelura externa imediatamente abaixo do bordo, caso que acontece ao todo, em 4 exemplares.

Apenas 5 exemplares possuíam perfil pesado e os diâmetros eram passíveis de medição em quatro exemplares, com 149 (84: Mir-196-75), 168, 175 (83: Mir-3-341) e 242 mm (61: Mir-692-1). O n.º 84 (Mir-196-75) é de perfil profundo, mas lábio saliente pouco espessado, com canelura imediatamente abaixo e parede fina.

Para além de uma marca já referida, um exemplar possui grafito.

Dois exemplares pertencem a uma escavação antiga da “casa dos frescos”, sendo um deles marmoreado, e outro, n.º Mir-991-18-8-2, de diâmetro no valor de 133 mm, o que poderia conferir-lhe uma datação a partir da época flaviana.

Dois outros fragmentos foram exumados das termas este, na campanha luso-americana, e encontravam-se em camadas datadas dos inícios do século II d.C.. Um deles tem um diâmetro de 170 mm, o outro aparenta um perfil pesado.

Quanto aos materiais das escavações recentes, dois exemplares provêm da construção n.º 2 e da área circundante a C3. Ambos possuem diâmetros muito largos: o n.º 62 (Mir-626-42), 231 mm; o n.º 61 (Mir-692-1), 242 mm. O perfil do segundo é pesado. O primeiro pertence à UE 259, que se depositava sobre derrube; o segundo pertence à UE 314, com materiais recentes misturados.

Dois exemplares encontravam-se em camadas de superfície da área circundante à construção n.º 3: n.ºs 66 (Mir-404-3) e 67 (Mir-384-2).

Cinco exemplares pertencem à UE 449 do ambiente 1 da construção n.º 1. Um deles, o n.º 48 (Mir-727-54) possui parede fina, mas algo funda, e um diâmetro acentuado de 232 mm. Esta UE — enchimento precoce de uma vala de fundação que nunca serviu como tal —, está datada de meados do século I ao primeiro quartel do século II d.C.

Outros dois exemplares provêm do ambiente 6 desta construção. O n.º 53 (Mir-721-6) pertence à UE 383=268=266=416, que se deposita sobre os derrubes do ambiente; o n.º 55 (Mir-773-12) pertence à UE 478=472=482 que preenche vala de fundação na rocha-mãe e apenas possui *terra sigillata* sudgálica.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição	Pasta	Verniz	Medições	Marca	Cronologia
			214 (Dias, 1976-1977, n.º 124)	f					grafito: IVN M [?]	no fundo exterior.
			82 (Mir-125-3302)	b		2	3	db: 162 mm		
			87 (Mir-14-67)	b	Bordo perolado com leve incisão no topo	2	3	db: 242 mm		
			84 (Mir-196-75)	b	Leve canelura externa abaixo do bordo. Perfil pesado.	2	3	db: 149 mm		
			193 (Mir-2001-019-- 28 [CENAC])	f	Canelura no fundo interno	3	2		JON	
			83 (Mir-3-341)	b	perfil pesado	3	3	db: 168 mm ou +		
			80 (Mir-4-2)	b	incisão interna na inflexão	1	2	db: 168 mm		
			81 (Mir-4-9)	b		1	2	db: 222 mm		
			79 (Mir-991-6-34)	b	bordo com canelura externa imediatamente abaixo	3	2	db: 146 mm		
Área circundante a C3	1995-1996	51	67 (Mir-384-2)	b		3	3	db: 182 mm		
Área circundante a C3	1995-1996	67	66 (Mir-404-3)	b		2	3	db: 240 mm		
C1	1997-2000	383=268=266=264=416	53 (Mir-721-6)	b		2	2	db: 280 mm		
C1	1997-2000	449	Mir-727-123	b		2	3	db: ?		
C1	1997-2000	449	Mir-727-166	c	canelura no fundo interno	2	2	dc: 151 mm		
C1	1997-2000	449	50 (Mir-727-183)	b	canelura externa imediatamente abaixo do bordo	2	3	db: 183 mm		
C1	1997-2000	449	48 (Mir-727-54)	b		2	3	db: 232 mm		

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição	Pasta	Verniz	Medições	Marca	Cronologia
Cr	1997-2000	449	49 (Mir-727-57+58)	b		2	2	db: 167 mm		
Cr	1997-2000	469 =458	1 (Mir-759- 1+2+3+4)	b,c		2	3	db: 172 mm		
Cr	1997-2000	482	55 (Mir-773-12)	b	canelura no fundo interno	3	3	db: 221 mm		
C2	1997-2000	259	62 (Mir-626-42)	b		3	2	db: 231 mm		
C2	1997-2000	314	61 (Mir-692-1)	b	Perfil pesado	3	3	db: 242 mm		
Casa dos frescos			Mir-991-18-11	b		3	5	db: 196 mm		
Casa dos frescos			Mir-991-18-8-2	b		3	2	db: 133 mm		
Termas este	Luso- -americana	room 12, locus 003	299 (Biers, 1988, n.º III. 78-804-)	b	Perfil pesado					at least early 2nd c.
Termas este	Luso- -americana	room 12, locus 003	300 (Biers, 1988, n.º III. 79-806-)	b	Bordo quase liso			db: 170 mm		at least early 2nd c.

1.1.1.5. Fundos de Drag. 15/17 ou 18

Considerámos que quatro fragmentos de fundo pudessem pertencer a qualquer um destes tipos.

Em três casos verifica-se a existência de canelura no fundo interno, datada por Polak como geralmente anterior a 60 d.C. (Polak, 2000), embora possa surgir em Drag. 15/17 e Drag. 18 mais recentes, nomeadamente flavianas, como em Cala Culip IV (Nieto Prieto, 1989, figs. 99, 102-3, 105).

Um deles é liso e possui marca de oleiro (n.º 182: Dias, 1976-1977, n.º 122).

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca
86 (Mir-168-2)	f	canelura no fundo interno	2	2	dp: 79 mm; hp: 10 mm	
182 (Dias, 1976-1977, n.º 122)	f					[BAS] SI
85 (Mir-3-455)	f	canelura no fundo interno	2	2	dp: 101 mm; hp: 10 mm	
Mir-28-2	f	canelura no fundo interno	1	3	dp: 80 mm	

1.1.1.6. Drag. 36

Este prato corresponde à forma 2 do serviço flaviano A, proposto por Vernhet, e datado entre o ano 60 d.C. — quando surge a decoração barbotinada, bem como o verniz marmoreado, em La Graufesenque — e os meados do século II, embora a decoração barbotinada, em La Graufesenque, termine por volta de 120 d.C. (Vernhet, 1979, p. 15).

Segundo Oswald e Pryce (1920, p. 192), esta forma não é tão numerosa quanto a taça Drag. 35, em época flaviana, mas é mais frequente do que esta última durante o século II. Vernhet (1979) não faz distinções cronológicas quanto às Drag. 35 e 36, que correspondem aos tipos A1 e A2, respectivamente.

Em 1993, este último autor e Passelac propõem uma cronologia de 60-150 d.C. (Passelac e Vernhet, 1993, p. 578).

A sua produção intensifica-se a partir dos flávios (Vernhet, 1976, p. 15). Nos níveis neronianos de USK é rara — a Drag. 35/36 representa 0,23%, na fase I, e 0,93%, na fase II — (Tyers, 1993, p. 136). Está bem representada em Rottweil e Newstead (Oswald e Pryce, 1920, p. 192; Vernhet, 1976, p. 15).

Vernhet (1979, p.15) baliza os diâmetros de bordo entre os valores de 120 e 290 mm.

No naufrágio de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 125) existem dois grupos de tamanhos:

- com um NMI de 21 exemplares, um grupo com diâmetros de bordo de 155-160 mm, diâmetros de pé de 62-70 mm, e alturas de 33-34 mm;
- com um NMI de 3 exemplares, um grupo com diâmetros de bordo de 250-280 mm, diâmetro de base de 101 mm, e altura de 51 mm

Em Chãos Salgados, os diâmetros de bordo variam entre 172 e 228 mm, que representam valores medianos face aos obtidos no naufrágio vespasiano.

No primeiro grupo métrico de Cala Culip IV foram diferenciados 9 estilos decorativos com ligeiras diferenças quanto ao número ou à posição das folhas de águas e das "lágrimas". Oito estilos apresentam as folhas dispostas da esquerda para a direita; um outro estilo apresenta as folhas em disposição inversa (Nieto Prieto et al., 1989, p. 153).

Um exemplar não é decorado, pelo que esta forma pode conter peças lisas que podem confundir-se com o serviço F de Vernhet (1976).

No segundo grupo métrico de Cala Culip IV há 2 esquemas decorativos que apresentam as folhas dispostas da direita para a esquerda (Nieto Prieto et al., 1989, p. 158).

Em Chãos Salgados, no único exemplar em que é visível a folha de água, esta apresenta-se posicionada da esquerda para a direita (Dias, 1976-1977, n.º 84).

O n.º 95 (Mir-191-8[694]) possui apenas o pé da folha de água e esta deveria posicionar-se para o lado de dentro, ao contrário da folha do n.º 279 (Dias, 1976-1977, n.º 84). Estas diferenças foram atestadas ao longo de vários estilos de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 153-8).

Todos os exemplares de Chãos Salgados aparentam uma qualidade de fabrico mediana: pasta 2 e verniz 3.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia	Pasta	Verniz	Medições	Decoração
279 (Dias, 1976-1977, n.º 84)	b			db: 188-210 mm	folhas de água a barbotina
95 (Mir-191-8 [694])	b	2	3	db: 223 mm	folha de água a barbotina

1.1.1.7. Forma 2 do Serviço F

Classificámos com reservas o n.º 96 (Mir-23-152-B-) neste tipo sud-gálico, datado de 90 a 150 d.C., por Vernhet (1976); proposta esta confirmada pelo mesmo autor e por Passelac, anos mais tarde (Passelac e Vernhet, 1993, p. 580).

O pequeno fragmento de bordo em questão parece não possuir decoração a barbotina e embora tenha um ligeiro ressalto no início da superfície superior da aba, não é possível verificar a existência de canelura interna abaixo do bordo. A decoração e a canelura são normais no serviço A, ao qual pertencem as Drag. 35 e 36. O serviço F é sempre liso na parte superior, con-

tendo apenas uma roseta estampada no fundo interno. Tem geralmente, como acontece com o nosso exemplar, um ligeiro espessamento da extremidade da aba (Vernhet, 1976, p. 24).

Vernhet distingue 3 grupos de diâmetros de bordo no prato tipo F2, ao qual se aproxima o nosso exemplar: 110-120, 160-180 e 240-270 mm. Os 40 mm do exemplar de Chãos Salgados ultrapassam em muito os valores conhecidos para a forma. Segundo Vernhet, nenhuma forma dos seis “serviços flavianos” por ele apresentados atinge sequer 300 mm de diâmetro de bordo.

O fabrico do n.º 96 (Mir-23-152-B-) é mediano: pasta 2 e verniz 3.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia	Pasta	Verniz	Medições
96 (Mir-23-152-B-)	b	2	3	db: 400 mm

1.1.1.8. Fundos de pratos indetermináveis

Foram inventariados 62 fragmentos de fundo (serão 67 exemplares, se contabilizarmos ainda o n.º 66 de Dias, 1976-1977, que possui perfil completo de Drag. 18, e os 4 exemplares de Drag. 15/17 ou 18), aos quais preferimos não atribuir qualquer classificação formal devido à exiguidade do campo de leitura.

No interior destes exemplares estudados, 8 possuem banda roletada, 30 possuem canelura — sendo que em 4 exemplares a canelura é dupla e em 1 exemplar existe também canelura externa a meia-altura do pé — e os restantes são lisos.

Além destes exemplares inventariados, Dias (1976-1977, p. 368) indica ainda a existência de 42 fundos (sendo provável que alguns possuam canelura) e de outros tantos com banda roletada.

Alguns autores ingleses preferem acrescentar a letra “R” à nomenclatura tipológica dos vasos que possuem roleta no seu fundo interno (Polak, 2000, p. 67).

Este atributo é frequente nas formas não decoradas Drag. 15/17, 18, surgindo em Vechten, igualmente na Drag. 17a; em *Camulodunum*, em Drag. 17b; e, em Mainz, em Drag. 17c (Polak, 2000, p. 92). O autor da monografia do espólio do acampamento do baixo-Reno, prefere, na linha dos arqueólogos ingleses, denominá-las de Drag. 15/17R, 18R e 17aR (Polak, 2000, p. 92).

Os diâmetros determináveis dos pés-de-anel variam entre valores de 60 e 141 mm, tendo como ponto médio 91 mm. Distribuem-se pelos seguintes escalões:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
60-69 mm	3
70-79 mm	13
80-89 mm	12
90-99 mm	10
100-109 mm	6
110-119 mm	2
120-129 mm	2
130-139 mm	1
140-149 mm	1

Como já seria de esperar, os valores são mais homogêneos do que os dos diâmetros de bordo — que estudámos apenas na Drag. 18.

Em Vechten (Polak, 2000, p. 92), foram identificados 5 grupos de tamanhos: 88-98 mm (pequeno), 99-106 mm (pequeno ou médio), 107-133 mm (médio), 134-136 mm (médio ou grande), 137 mm ou mais (grande ou muito-grande).

Em Chãos Salgados assinala-se a presença de diâmetros inferiores em fundos que pertencem a pratos e não a tigelas, como poderíamos admitir aceitando um erro de análise na primeira fase do trabalho. Vinte e oito exemplares possuem diâmetros de pé inferior a 90 mm; com valores entre 90 e 109 mm, existem 16 exemplares. Constata-se assim uma maior concentração em valores que correspondem aos escalões pequeno e médio de Vechten, o que, de algum modo, condiz com os dados obtidos em Chãos Salgados no que respeita aos diâmetros de bordo da Drag. 18, nos quais se detectam maiores frequências a partir de Nero (?), com diâmetros em evolução descendente ao longo da diacronia: 20 exemplares seriam de valores grandes (pré-neronianos); 20 exemplares seriam médios (neronianos); e 3 exemplares, pequenos (flavianos).

Segundo Polak, a relação proporcional diâmetro do pé-de-anel/diâmetro de bordo nem sempre é fiável, pelo que a extrapolação pode induzir em erro (Polak, 2000, p. 75). Se para os diâmetros de bordo pudémos encontrar uma relação minimamente coerente entre os dados de Vechten e da fossa de *Galicanus*, no caso dos diâmetros de pé-de-anel isso não acontece. Neste contexto de La Graufesenque e em Oberwinterthur (destruído provavelmente em 69-70 d.C.) existem dois diâmetros: pequeno (com menos de 70 mm) e grande (com mais de 84 mm), que não condizem com Vechten (Polak, 2000, p. 75). No caso de Chãos Salgados, os diâmetros pequenos de bordo que datámos da época flaviana teriam assim um correspondente anacrónico nos diâmetros de pé-de-anel pequenos, cujos melhores paralelos são os grupos pequenos de Oberwinterthur e da fossa de *Galicanus*, de finais da etapa júlio-cláudia.

A frequência de caneluras, que atinge quase 50% dos casos, é um indicador de algum equilíbrio entre hipotéticas cronologias pré e pós ano 60 d.C.; no mesmo sentido aponta a frequência de roleta, já que Dias (1976-1977) indica a presença de 42 fundos deste género para além das peças inventariadas no seu artigo. No espólio analisado por nós, verifica-se um valor de apenas 8 exemplares roletados, que se distribuem pelos vários tipos de diâmetros: 80 mm, 82 mm, 98 mm, 102 mm, 128 mm, 135 mm. Apesar da variação de diâmetros, constata-se uma relação entre roleta e pés altos de secção transversal rectangular ou sub-rectangular.

A altura dos pés varia entre valores de 6 a 13 mm, tendo um ponto médio de 10 mm

Dois exemplares possuem marca de oleiro e outros 2 possuem grafito.

Em escavações antigas foram encontrados 2 exemplares na ponte, 1 exemplar na “casa dos frescos”, 1 exemplar no *forum* e 1 exemplar no templo.

No ambiente externo norte da construção n.º 1 deste estudo foram encontrados 2 exemplares, um na UE 375 (século II, talvez recuando à época flaviana) e outro na UE 376 (finais do século II): n.ºs 7 (Mir-717-813) e 22 (Mir-736-4+5), respectivamente. Na construção n.º 2 foi encontrado um exemplar, n.º Mir-708-1, na UE 328, constituída por um enchimento de vala de muro.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca/Grafito
			208 (Dias, 1976-1977, n.º 120)	p	f] ABIN [
			209 (Dias, 1976-1977, n.º 121)	p	f] ABIN
			215 (Dias, 1976-1977, n.º 125)	p	f					Grafito: LV]. no fundo exterior

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca/ Grafito
			217 (Dias, 1976-1977, n.º 126)	p	f					Grafito: OM no fundo interior
			94 (Mir-125-653)	p	f	canelura no fundo interno	2	3	dp: 91 mm; hp: 9 mm	
			89 (Mir-137-131)	p	f	fundo interno com banda roletada	3	3	dp: 83 mm; hp: 12 mm	
			92 (Mir-183-30) [534-69]	p	f	canelura no fundo interno	3	3	dp: 88 mm; hp: 9 mm	
			91 (Mir-2-42)	p	f	duas caneluras no fundo interno	2	2	Dp: 115 mm	
			90 (Mir-3-423)	p	f		1	2	dp: 70 mm; hp: 11 mm	
			88 (Mir-37-1)	p	f		2	2	dp: 92 mm; hp: 6 mm	
C1	1997-2000	375	7 (Mir-717-813)	p	f		2	2	dp: 82 mm	
C1	1997-2000	376	22 (Mir-736-4+5)	p	f		3	3	dp: 100 mm	
C2	1997-2000	328	Mir-708-1	p	f	fina moldura interna	3	3		
Casa dos frescos			Mir-991-18-10(5) +Mir-991-6-32	p	f	duas caneluras no fundo interno	3	3		
Forum	1967		Mir-991-16-5	p	f	canelura no fundo interno	1	3	dp: 83 mm	
Ponte	1970		Mir-2001-019-34	p	f		1	3		
Ponte	1970		Mir-2001-019-46	p	f	banda roletada no fundo interno	2	3	dp: 82 mm; hp: 11 mm	
Templo	1970		Mir-991-14-3	p	f	canelura no fundo interno	3	3	dp: 97 mm	

1.1.2. Tigelas

1.1.2.1. Ritt. 5

Esta forma foi produzida desde os inícios da actividade das oficinas sudgálicas, inspirada na forma itálica, Consp. 22 (Ettlinger, 1990), cuja produção havia começado em 20 a.C.

Bastante divulgada na época tiberiana, atinge o fim da sua vida por volta de 40 d.C., em Vehten, mas os últimos dados encontram-se em Hofheim (3 exemplares) (Ritterling, 1912) e Burghöfe (1 exemplar) (Polak, 2000, p. 114). Polak considera que a produção de Ritt. 5 terá começado antes de Tibério, mas terminado antes de Cláudio, não aceitando a proposta de cronologia tibério-cláudia de Oswald e Pryce (Oswald e Pryce, 1920, p. 169; Polak, 2000, p. 114).

Os dados de Hofheim, Burghöfe, bem como de Wiesbaden (Oswald e Pryce, 1920, p. 169) permitem, no entanto, equacionar a possibilidade desta forma ainda se comercializar em época cláudia, embora em fracas quantidades.

Ritterling descreveu este tipo, a partir dos 3 exemplares exumados em Hofheim, como uma tigela de parede cónica e bordo vertical, sem decoração roletada no bordo (1912, p. 207). A ausência de decoração com roleta nas peças sudgálicas foi reafirmada por Oswald e Pryce (1920, p. 169). Mary desmente esta proposta a partir de exemplares com roleta de Neuss, que datou como anteriores a 25 d.C. (*apud* Polak, 2000, p. 114).

O bordo pode ser oblíquo, ou mesmo acentuadamente convexo, em exemplares tibério-cláudios (Oswald e Pryce, 1920, est. XXXVIII, n.º 3).

O único exemplar de Chãos Salgados possui bordo vertical, sem roleta. Equivale ao tipo Ritt. 5c, proposto e datado por Passelac e Vernhet entre 30 e 50 d.C. (1993, p. 577). Estes autores estabelecem uma divisão em três sub-tipos sucedâneos, Ritt. 5a, b, c, considerando que a forma começa a ser produzida no ano 5 d.C.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia	Medições
281 (Dias, 1976-1977, n.º 86)	b,c	db: 120 mm

1.1.2.2. Ritt. 8

É considerado um tipo pré-flaviano por Oswald e Pryce (1920, p. 184), bem como por Polak (2000, p. 114), derivado das formas itálicas Loeschcke 13 e 6.

Os exemplares mais recentes conhecidos provêm do depósito Cluzel 15, em La Graufesenque, datado de 60-65 d.C., de Oberwinterthur — em níveis de 69-70 d.C. — e do exterior do acampamento de Nijmegen. Neste último caso, o espólio de Ritt.8 é de 25 exemplares numa coleção de *terra sigillata* que ronda os 16 000 exemplares (Polak, 2000, p. 114). Em Hofheim, este tipo surge apenas nos níveis cláudios, e em Aislingen (diacronia tibério-domiciana) ocorre apenas nos níveis mais antigos (Oswald e Pryce, 1920, p. 184).

Passelac e Vernhet (1993, p. 577) sub-dividem este tipo em Ritt. 8a, b, c, formas sucedâneas, com começo em 15 d.C. e fim em 120 d.C., o que constitui uma datação contrastante em face das propostas sobre o fim da produção estabelecidas pelos outros autores, as quais são mais altas.

Ritterling (1912, p. 208) descreveu-a como uma pequena tigela em forma de meia esfera, com parede lisa.

O bordo pode apresentar-se de uma forma recta ou introvertida e por vezes é plano (Polak, 2000, p. 114). Os exemplares de Hofheim possuem sempre canelura interna e externa (1912, p. 208; Oswald e Pryce, 1920, p. 184), formando um lábio mais nítido.

Na parede externa pode haver caneluras. Muito raramente se verifica a decoração com roleta ou a ocorrência de asa cega em espiral (Polak, 2000, p. 116).

O pé pode possuir canelura externa a meia-altura. Na denominação destes exemplares, Polak prefere seguir as propostas dos autores ingleses e aplicar o termo “Ritt. 8g” (Polak, 2000, p. 116).

Polak descreve 4 tamanhos de diâmetros de bordo da coleção de Vechten: 65, 80, 100 e 120 mm. Estes valores têm correspondência nos dados obtidos na fossa de *Galicanus*, em La Graufesenque: 60-74, 70-92, 92-118, 118-138 mm (Polak, 2000, p. 102).

Nos níveis neronianos das escavações de USK, apenas foram encontrados dois exemplares, com 100 mm de diâmetro (Tyers, 1993, p. 136). Em Neuss, os 115 exemplares exumados possuem valores balizados entre 60 e 130 mm (Tyers, 1993, p. 136).

Os 3 exemplares de Chãos Salgados não permitem fazer mais do que uma avaliação incipiente do espólio. Nenhum deles possui contexto conhecido e as pastas e os vernizes, tipos 2 e 3, respectivamente, denunciam fabricos sem especial qualidade. Os diâmetros encaixam nos valores do grupo com os segundos maiores valores da fossa de *Galicanus*, mas a extrema variedade de diâmetros desta forma, em momentos sincrónicos, como evidencia este contexto de La Graufesenque, não permite fazer extrapolações cronológicas. A única aproximação possível é realizada pela semelhança dos exemplares de Chãos Salgados com o subtipo Ritt. 8b de Passelac e Vernhet (1993, p. 577), datado entre 30 e 80 d.C.

QUADRO DESCRITIVO

UE	N.º de Inventário	Morfologia	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições
	97 (Mir-23-32[671])	b	bordo perolado, incisão interna e canelura externa	2	3	db: 113 mm
	280 (Dias, 1976-1977, n.º 85)	b	Ressalto interno e canelura externa			db: 110 mm
Superfície	Mir-484-16	b	Canelura interna abaixo do bordo	2	3	db: 105 mm

1.1.2.3. Drag. 24/25

Esta forma sudgálica deriva da itálica Loeschcke 12 (Consp. 33 e 34 de Ettlenger et al., 1990), cujo fabrico se inicia em época augustana (Polak, 2000, p. 117).

A forma 25 de Dragendorf distinguia-se da forma 24 pelo facto de possuir uma pequena asa cega em espiral. A primeira delas possui uma cronologia augustana e é mais antiga do que a segunda. Apesar desta diferença morfológica detectada por vários autores, após Dragendorf, tem-se optado pela designação conjunta de Drag. 24/25, pois a exiguidade dos bordos geralmente encontrados não permite averiguar a existência de asa. Assim, Ritterling corresponde a sua forma 6 às Drag. 24 e 25 (Ritterling, 1912, p. 207). Oswald e Pryce (1920, p. 171-172) adoptam a nomenclatura de Drag. 24/25.

Mais recentemente, foi acrescentado um novo subtipo à forma mais nova — Drag. 24 —, pois pode possuir canelura externa a meia-altura do pé-de-anel, recebendo o nome de Drag. 24g, no seguimento das propostas de autores ingleses (Polak, 2000, p. 117).

O apogeu da comercialização desta forma é a época tiberiana — é abundante nos níveis antigos de Aislingen (Oswald e Pryce, 1920, p. 171-2) —, embora seja elaborada em níveis apreciáveis até cerca de 60 d.C., segundo Polak (2000, p. 118). O mesmo autor defende que a Drag. 25 deve ter o seu fim por volta de 40 d.C., já que são raras as taças com asa em Hofheim (Ritterling, 1912, p. 207), e que a Drag. 24 deve terminar por volta de 70 d.C., sendo conhecidos alguns exemplares dessa altura em Rottweil (Oswald e Pryce, 1920, p. 171-2) e no naufrágio de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989). Contudo, a percentagem de Drag. 24/25 neste último caso — 11,4% —, face ao total de *terra sigillata* existente no naufrágio, levanta a hipótese de a produção desta forma se prolongar um pouco mais para além de 70 d.C., embora a maior parte dos contextos conhecidos com Drag.24/25 sejam pré-flavianos (Polak, 2000, p. 117) e a maioria dos oleiros que produziram esta forma sejam igualmente pré-flavianos, com excepção de dois casos — *Libertus* e *Pontus* (Oswald e Pryce, 1920, p. 171-172).

Tanto Ritterling (1912, p. 207), como Oswald e Pryce (1920, p. 171) descrevem o pé como baixo; Polak (2000, p. 118) considera esta característica como pertencente às peças mais antigas, defendendo um aumento de altura do pé-de-anel ao longo do tempo.

Segundo Ritterling (1912, p. 207), os tamanhos dos materiais de Hofheim são muito diversos e podem variar entre 60 e 140 mm de diâmetro de bordo, por 30 e 60 mm de altura de peça, respectivamente.

A colecção neroniana de USK possui dois grandes grupos de diâmetros — 80 e 120/140 mm — sendo o segundo o mais frequente (Tyers, 1993, p. 135).

A escavação do naufrágio flaviano de Cala Culip IV (Nieto Prieto, 1989) revelou aspectos interessantes para o debate crono-morfológico deste tipo de *terra sigillata*. Nesta colecção existem dois grupos de tamanhos:

- diâmetro de bordo de 70-75 mm; diâmetro de pé de 35 mm; altura de 35 mm (NMI = 33);
- diâmetro de bordo de 110 mm; diâmetro de pé de 50 mm; altura de 50-55 mm (NMI = 276).

Ambos os grupos apresentam valores de diâmetro de bordo perfeitamente medianos face à balizas métricas concluídas em Hofheim — cláudio — ou em USK — neroniano. Tão importante

como esta constatação é o facto do espólio da série de diâmetros mais pequenos de Cala Culip indicar diferenças de fabrico consoante os oleiros, tal como já víramos em relação à Drag. 15/17. Assim:

- os vasos de OF IVCVNDI (n.º 2.7 do seu catálogo; 19 exemplares) são mais compactos; os seus bordos são verticais e altos e possuem um *guillochis* espesso separado do topo do bordo por uma funda canelura;
- a marca 26.1 (4 exemplares) surge em peças com bordo um pouco mais introvertido e *guillochis* mais fino; a moldura que une o bordo e a parede é curva por cima e plana por baixo;
- nas peças da marca 2.7 a moldura que une o bordo e a parede é plana por cima e curva por baixo, ao contrário da marca 26.1.

No espólio de Chãos Salgados, 23 exemplares possuem pasta 2, 14 exemplares a pasta 3, e 2 exemplares a pasta 1. O verniz 3 surge 23 vezes, o verniz 2 surge 12 vezes, o verniz 4 surge em 1 exemplar, e o verniz 5 (marmoreado) surge em 3 exemplares. Apesar da boa frequência das pastas 2 e 1 — de boa qualidade —, a predominância do verniz 3 denota uma qualidade que não ultrapassa em muito um patamar médio. Um exemplar apresenta sinais de sobre-cozedura.

A roleta surge em 19 casos, sendo raramente fina, como no n.º 102 (Mir-2001-019-52-XVIC).

O bordo possui constantemente uma canelura interna e outra externa que define um incipiente lábio. O n.º 286 (n.º 92 de Dias, 1976-1977) não possui canelura interna.

Geralmente o lábio é arredondado, embora no n.º 101 (Mir-41-1) ele surja com secção transversal sub-triangular, por biselamento.

O bordo é normalmente vertical. O n.º 287 (n.º 93 de Dias, 1976-1977) é uma exceção, com bordo ligeiramente introvertido. Segundo Polak (2000, p. 118), esta característica surge nas peças mais antigas.

O n.º 103 (Mir-2001-019-20-XII-), para além da canelura externa junto ao lábio, possui outras duas a meio do bordo vertical e uma outra no topo da moldura que une o bordo e a parede. O seu pé é relativamente baixo, mas possui canelura externa a meia-altura, podendo ser classificado como Drag. 24/25g, de acordo com as propostas mais recentes inglesas (Polak, 2000, p. 118). O seu fabrico é bem cuidado — pasta 2 e verniz 2 —, com bom polimento final. O seu tamanho — 94 mm de bordo e 49 mm de altura — é mediano face aos valores conhecidos nos sítios referidos e em face das características do espólio de Chãos Salgados. O n.º 195 (n.º 114 de Dias, 1976-1977) também possui canelura externa no pé, mas o seu bordo é roletado, o que contradiz a proposta de Polak, segundo a qual este tipo de peças nunca possui *guillochis* (Polak, 2000, p. 118).

Neste espólio, os diâmetros de bordo variam entre 51 e 151 mm, com um ponto médio de 100 mm. A frequência de escalões de diâmetros é a seguinte:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
50-59 mm	2
60-69 mm	2
70-79 mm	2
80-89 mm	3
90-99 mm	3
100-109 mm	3
110-119 mm	5
120-129 mm	5
130-139 mm	2
140-149 mm	0
151 mm	1

Os valores são bem diversos, embora se possa concluir que os diâmetros de 100 a 129 mm são os mais importantes, com 13 exemplares. Se considerarmos as propostas de Passelac e Vernhet (1993, p. 573) — segundo as quais a Drag.24/25 pode ser subdividida em Drag. 24/25a, b, c, datadas entre 15/40, 40/70 e 70/120 d.C., respectivamente, e nas quais se verifica uma evolução tendente à diminuição do diâmetro e a uma maior profundidade da peça —, poderíamos então pensar numa maior concentração de exs. de Chãos Salgados nas épocas mais altas, e particularmente entre 40 e 70 d.C. Contudo, a divergência das propostas cronológicas entre Passelac e Vernhet e os restantes autores, nomeadamente em relação à continuidade da produção depois de 70 d.C. e ao predomínio de diâmetros largos no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV, leva-nos a ter algumas precauções na aceitação destes resultados.

A altura bordo/carena também é bastante variável e baliza-se entre valores de 10 e 31 mm, tendo como ponto médio 17 mm. É nitidamente proporcional ao tamanho da peça.

Apenas dois diâmetros de pé são conhecidos — 36 e 44 mm — e uma altura de pé-de-anel — 6 mm.

Apenas um exemplar possui marca, o n.º 195. Três exs. são marmoreados.

Dois exemplares possuem contexto estratigráfico. Um provém das escavações luso-americanas das termas este, e em particular de um nível datado de inícios do século II, o que deve significar uma cronologia de uso já após a “normal” datação do fabrico desta forma. Este exemplar, n.º 301 (Biers, 1988; n.º III.80-803) possui *guillochis* grosseiro.

O segundo exemplar provém das escavações da Construção n.º 3. A camada em que se encontrava era superficial, o que pouco adianta ao seu estudo. Possui *guillochis* grosseiro; o diâmetro da carena é de 124 mm; a exiguidade do fragmento não permite fazer uma análise mais completa.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca	Cron./ Observ.
		195 (Dias,1976- -1977, n.º 114)	f					MV[
		Mir-125-900+2492	b	Bordo liso e canelura interna	2	3	db: 98 mm		sobre cozedura na superfície externa
		103 (Mir-2001- 019-20 -XII-)	b,bj,f	Caneluras interna e externas abaixo do bordo e no fundo interno. Leve canelura a meia altura do pé-de-anel	2	2	db: 94 mm; hbc: 21 mm; dp: 44 mm; hp: 6 mm; h: 49 mm		
		102 (Mir-2001- 019-52-XVI c-)	b	canelura interna e externa. Roletada	2	2	db: 101 mm; hbc: 21 mm		
		101 (Mir-41-1)	b	bordo liso e incisão interna e externa abaixo dele.	2	3	db: 62 mm; hbc: 10 mm		
Área circundante a C3/ Campanha de 1995-6	126	Mir-522-5	c	roleta grosseira	3	4	dc: 124 mm		
Termas este/ campanha luso- -americana	room 12, locus 003	301 (Biers, 1988, n.º III. 80-803-)	b,f	canelura interna abaixo do bordo			db: 78 mm; dp: 36 mm		at least early 2nd c.

1.1.2.4. *Drag. 27*

Esta forma sudgálica deriva da itálica Loeschcke II (= Consp. 31 e 32 de Ettlenger et al., 1990). A sua produção deve coincidir com o próprio início da actividade das oficinas sudgálicas, segundo Oswald e Pryce (1920, p. 186). Polak (2000, p. 118) considera o seu início tardo-augustano. Deixou de ser produzida por volta do ano 120 d.C. (Passelac e Vernhet, 1993, p. 573), ou em meados do século II (Oswald e Pryce, 1920, p. 186).

As peças mais antigas denotam ainda normais influências das peças itálicas, como a existência de roleta na superfície externa abaixo do bordo (Passelac e Vernhet, 1993, p. 573), ou de uma canelura ou moldura na zona da quebra de perfil, sendo que as peças tardias podem também possuir esta canelura (Polak, 2000, p. 118). A roleta pode surgir igualmente em épocas mais recentes. Assim acontece no espólio neroniano do porto de Narbonne (Fiches, Guy e Poncin, 1978, fig. 3).

Os bordos mais antigos não possuem lábio e ao longo do tempo a secção espessa-se, formando um lábio nítido. Na primeira metade do século I, o bordo pode possuir canelura na sua parte superior (Polak, 2000, p. 118). Segundo Polak, os bordos da época cláudio-neroniana podem ser de secção triangular; no entanto, esta característica surge igualmente em peças com diâmetros largos — 115-120 mm —, no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 138). Estes factos desmentem Oswald e Pryce (1920, p. 187), os quais defendiam ser um atributo apenas das peças mais antigas.

A canelura interna do bordo é essencialmente pré-flaviana, sendo pouco frequente nas peças tardias (Oswald e Pryce, 1920, p. 187).

Os pés mais antigos costumam possuir canelura externa a meia-altura. Os materiais de Hofheim são assim caracterizados por Ritterling (1912, p. 208). Na época flaviana, a frequência de *Drag. 27* não canelada no exterior do pé aumenta nitidamente. Os vasos sem canelura são típicos a partir de 70 d.C., embora já existam antes (Polak, 2000, p. 118). No naufrágio de Cala Culip IV, embora a percentagem de *Drag. 27* canelada não seja calculada, várias estampas deste tipo possuem canelura no pé (Nieto Prieto et al., 1989, fig. 88).

Na linha de autores ingleses, pode optar-se pela denominação de *Drag. 27g* para os vasos com pé-de-anel canelado (Polak, 2000, p. 67).

A altura do pé tende a diminuir ao longo do tempo, tal como acontece nos pratos e ao contrário da *Drag. 24/25* (Polak, 2000, p. 118).

Ritterling constatou que os diâmetros mais pequenos correspondiam às peças mais antigas e os maiores às mais recentes, no espólio de Hofheim (Ritterling, 1912, p. 208). Oswald e Pryce (1920, p. 187) consideram as peças mais pequenas pré-flavianas, embora notem que as peças de grandes diâmetros podem surgir em todas as épocas.

No estudo do espólio de Vechten, Polak concluiu que as taças pequenas aumentavam de tamanho ao longo do século I e que o contrário sucedia às taças médias, defendendo que a evolução metrológica proposta por Ritterling e Oswald/Pryce pode não ser sempre correcta ou fácil de constatar. Defende, contudo, que se pode traçar uma *tendência evolutiva* dos diâmetros de bordo, considerando que as peças com valores até 80 mm possuem uma cronologia que não deve ultrapassar o ano 80 d.C. e que as taças com valores a partir de 90 mm são geralmente flavianas (Polak, 2000, p. 107).

No espólio de Chãos Salgados a mediania da qualidade de fabrico também está patente nesta forma de *terra sigillata*: a pasta 3 surge 28 vezes e a pasta 2 surge 38 vezes; o verniz 3 surge 47 vezes, o verniz 2 em 7 exemplares, o verniz 4 em 2 exemplares e o verniz 5 (marmoreado) surge em 1 exemplar.

Os 48 diâmetros de bordo mensuráveis variam entre valores de 46 e 138 mm, tendo como ponto médio 94 mm. São as seguintes as frequências de exs. em cada escalão métrico:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
40-49 mm	1
50-59 mm	0
60-69 mm	2
70-79 mm	5
80-89 mm	9
90-99 mm	6
100-109 mm	9
110-119 mm	8
120-129 mm	4
130-138 mm	4

Até 80 d.C.

Flaviano

Se aplicarmos a proposta de Polak (2000, p. 107), elaborada a partir dos dados de Vechten, teríamos em Chãos Salgados 16 exemplares anteriores ao ano 80 d.C. e 31 exemplares flavianos, subsistindo um período intermédio indefinido. Ou seja, um reforço das frequências desta forma no último quartel do século I, tal como acontece com o prato Drag. 18.

O espólio neroniano de USK possui dois grupos de diâmetros: 70-90 mm e 120-140 mm, próximos dos resultados obtidos em *Camulodunum*, com 75 mm e 140 mm (Tyers, 1993, p. 134).

Em Cala Culip (Nieto Prieto et al., 1989, p. 125) foram também diagnosticados dois grupos:

- um, minoritário — NMI de 69 —, com diâmetros de bordo de 70-75 mm, diâmetros de pé de 37 mm e altura de 36-42 mm;
- um outro, maioritário — NMI de 449 —, com diâmetros de bordo de 115-120 mm, diâmetros de pé de 50-55 mm e altura de 60 mm

Nos três sítios descritos (USK, *Camulodunum* e Cala Culip IV) não existem diâmetros de bordo inferior a 70 mm, o que poderá constituir um valor acima do qual se centram os materiais de finais do período júlio-cláudio. A ser verdadeira esta hipótese, poderíamos precisar um pouco melhor uma fase intermédia na *tendência evolutiva* proposta por Polak.

Os três diâmetros de pé, medidos em Chãos Salgados, possuem valores de 70, 50 e 42 mm, sendo que no primeiro e no último caso foi possível medir também a altura do pé, cujos valores eram de 11 e 10 mm, respectivamente. O pé de 50 mm de diâmetro pertence a uma peça com bordo de 130 mm de diâmetro.

Um fragmento de pé-de-anel possui duas caneluras externas, típicas do período pré-flaviano. Esse exemplar é marmoreado e foi encontrado à superfície da “Casa dos frescos”.

Dos 51 bordos, 34 possuem canelura interna junto ao bordo e 17 são lisos. Esta característica, considerada pré-flaviana surge na maioria das peças, o que não condiz com os resultados dos diâmetros. A este nível, os resultados estatísticos são exactamente opostos: 16 pré-flavianos e 31 exemplares flavianos. Parece-nos um bom exemplo das dificuldades subsistentes na elaboração de conclusões seguras, a partir das diferentes propostas dos vários autores.

O bordo é comumente perolado. Em quatro casos, como no n.º 107 (Mir-399-186), a secção transversal pode ser sub-triangular, normal num segmento temporal do terceiro e provavelmente do último quartel do século I. Os diâmetros das quatro peças são de 99, 100, 110 e 138 mm — valores grandes que suportam uma cronologia mais baixa.

A altura bordo/quebra de perfil foi medida em 10 exemplares e varia entre 13 e 28 mm, tendo como ponto médio 19 mm.

O n.º Mir-484-118 provém de recolha de superfície na área escavada por Olívio Caeiro nas campanhas luso-americanas.

Um outro fragmento foi encontrado na superfície do *circus*, durante a mesma campanha de trabalho.

De escavações antigas da “casa dos frescos” provêm 3 exemplares, dos quais apresentamos um deles, o n.º 109 (Mir-991-18-8-1), com 122 mm de diâmetro. O outro fragmento de bordo da mesma escavação tem um diâmetro de 134 mm — n.º Mir-991-18-10(13). O fragmento de carena n.º Mir-991-18-8-3 apresenta um valor mais baixo: 90 mm.

O n.º 63 (Mir-593-5), de pequenas proporções — 76 mm de diâmetro — provém de uma camada de superfície da construção n.º 3. O seu pequeno porte indicia uma cronologia alta, pré-flaviana.

O n.º 57 (Mir-1086-9), com 109 mm de diâmetro e sem canelura interna junto ao bordo — provém de uma camada de materiais rolados da encosta do museu, a Sul da construção n.º 1. As suas características apontam para uma cronologia flaviana. Um outro fragmento de bordo sem canelura, o n.º 302 (Biers, 1988, n.º III.81-790), com 110 mm de diâmetro, provém de uma camada datada de inícios do século II.

A escavação da construção n.º 1 forneceu vários exemplares deste tipo.

Dois deles pertencem ao ambiente exterior norte — um contexto secundário. O n.º 4 (Mir-758-19+22), com 117 mm de diâmetro de bordo com canelura interna provém da UE 458, da fase Ia, datada da segunda metade do século I, ou talvez apenas do terceiro quartel dessa centúria. O n.º 31 (Mir-699-579+580+581+582+583+584+585), com um diâmetro na quebra de perfil de 114 mm, provém da UE 331=400=392=413=343, da fase IIb, datada dos séculos III, IV e V.

O n.º 52 (Mir-609-18), com 75 mm de diâmetro, sem canelura interna e com bordo algo aguçado, pertence à UE 311=245=256=300=368 do ambiente 2 — contexto secundário —, UE datada possivelmente de época baixo-imperial. Este fragmento sud-gálico estará assim depositado num contexto final nada relacionado com o seu tempo normal de utilização.

O n.º 54 (Mir-733-23) pertence à UE 414=297, do ambiente 6 (*tablinum?*), UE datada do século III, ou inícios do IV. O seu contexto de deposição é, pois, largamente posterior ao seu tempo de vida. Tem 130 mm de diâmetro de bordo, sendo este algo aguçado, e uma canelura externa marca a quebra de perfil — este atributo surge mais frequentemente em peças antigas. No espólio de Chãos Salgados, apenas um outro exemplar possui esta canelura — o n.º 282 (Dias, 1976-1977, n.º 87), sem contexto estratigráfico.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Cronologia
			104 (Mir-21-26+28)	b	bordo perolado	3	2	db: 85 mm;	

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Cronologia
CI	1997-2000	414	54 (Mir-733-23)	b,bj	bordo de secção sub-triangular	2	3	Db: 130 mm; hbc: 19 mm; dp: 50 mm	
CI	1997-2000	449	Mir-727-32	C		3	3	dc: ?	
CI	1997-2000	458	4 (Mir-758-19+22)	B	bordo perolado e canelura interna	2	3	db: 117 mm	
Encosta do museu	1997-2000	497	57 (Mir-1086-9)	B		3	?	db: 109 mm	
C3	1995-1996	156	63 (Mir-593-5)	B	bordo perolado e canelura interna	2	3	db: 76 mm; hbc: 13 mm	
Casa dos frescos			Mir-991-18-10(13)	B	leve canelura interna	3	2	db: 134 mm	
Casa dos frescos			109 (Mir-991-18-8-1)	B	canelura interna	3	4	db: 122 mm; hbc: 19 mm	
Casa dos frescos			Mir-991-18-8-3	C		3	2	dc: 90 mm	
Casa dos frescos		sup.	Mir-484-82	f	duas caneluras externas no pé-de-anel.	2	5	dp: 42 mm; hp: 10 mm; dc: 74 mm	
Field North of Circus	luso- -americana	sup.	298 (Biers, 1988, n.º I.21-833-)	B					
M=175, 452 W; P=1,564 S		sup.	Mir-484-118	C		3	4	dc: 92 mm	
Termas este	luso- -americana	room 12, locus 003	302 (Biers, 1988, n.º III.81-790-)	b	perfil muito esguio; ausência de canelura interna abaixo do bordo			db: 110 mm	at least early 2nd c.

1.1.2.5. *Drag. 33*

Derivada da forma itálica Loeschcke 10, a *Drag. 33* começa a ser produzida nas oficinas sudgálicas na época cláudia, surgindo em sítios como Hofheim, nos níveis pré-flavianos de Wiesbaden; torna-se numerosa no período antonino, a ver pelos dados de Newstead e Niederbiber (Oswald e Pryce, 1920, p. 189). Já antes de Oswald e Pryce, Ritterling havia afirmado uma cronologia pré-flaviana para o início da produção desta forma (1912, p. 209). Mais recentemente, Polak afirma que a cronologia inicial deste tipo é idêntica à das oficinas de La Graufesenque, recuando a datação cerca de meio século, baseando a sua proposta nas marcas de oleiro encontradas em Vechten (Polak, 2000, p. 119).

Ritterling (1912, p. 209) descreve a sua forma n.º 10 de Hofheim como uma tigela de parede lisa, cujo lábio é ladeado interna e externamente por caneluras.

Segundo Polak, os exemplares pré-flavianos têm geralmente a parede levemente convexa, embora esta característica se mantenha em períodos mais recentes, quando a parede surge mais frequentemente recta (Polak, 2000, p. 119; Oswald e Pryce, 1920, p. 189).

A junção entre o fundo e a parede é marcada por um ressalto interno, ou, por vezes, uma canelura externa (Oswald e Pryce, 1920, p. 189). O ressalto interno é substituído por caneluras internas, na época flávia (Polak, 2000, p. 121).

O pé-de-anel torna-se mais baixo ao longo do tempo e o ângulo formado por ele e pela parede amplia-se igualmente (Polak, 2000, p. 189). Esta última característica está directamente

relacionada com a evolução do diâmetro e da altura das peças. Já Ritterling havia notado diferenças de tamanho entre as peças mais antigas e as mais recentes, sendo as primeiras maiores em diâmetro de bordo e altura. Polak propõe a denominação de Drag. 33a e 33b para as formas mais antigas e recentes, respectivamente, embora não esclareça com rigor qual a divisória morfológica dos dois sub-tipos. Adianta, embora com cautela, que o subtipo Drag. 33b possa começar na época flaviana (Polak, 2000, p. 121).

Passelac e Vernhet (1993, p. 574) datam a Drag. 33 entre 20 e 160 d.C., sub-dividindo a forma em 3 sub-tipos sucedâneos. As variantes mais largas e mais antigas denominam-se Drag. 33a1 (com parede mais fina e ligeiramente convexa, de cronologia mais alta, entre 20 e 60 d.C.), a2 e Drag. 33b (estas duas, bem como a Drag. 33c de paredes mais espessas e convexas); a variante mais alta denomina-se Drag. 33c. Contudo, a principal discrepância entre esta proposta e a de Polak reside na cronologia: as Drag. 33a2 e Drag. 33b começam em 60 d.C. e atingem os anos de 120 d.C. e a forma mais alta, Drag. 33c, começa apenas em 100 d.C.

Nos níveis neronianos das escavações do porto de Narbonne (Fiches; Guy e Poncin, 1978, fig. 3) surgem exemplares mais largos, com parede espessa e convexa, condizendo com a estampa da forma Drag. 33a2 de Passelac e Vernhet. A inexistência de exs. de Drag. 33 no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989) impede-nos, contudo, de equacionar com mais fundamento a existência de uma etapa intermédia entre os dois grandes sub-tipos.

Os diâmetros dos 46 bordos existentes em Vechten distribuem-se por cinco grupos de tamanhos: 80, 100, 130, 170 e 200 mm; a maioria dos exemplares enquadra-se em valores de 130-170 mm (Polak, 2000, p. 103).

Em Neuss, os 44 exemplares de bordo possuem diâmetros balizados entre 110 e 140 mm (Tyers, 1993, p. 135).

Os dois fragmentos de bordo de USK possuem diâmetros de 130 e 150 mm (Tyers, 1993, p. 135).

Nos 13 exemplares de Chãos Salgados que puderam ser examinados directamente por nós, 8 possuem pasta 2, 4 possuem pasta 3 e 1 a pasta 1. O verniz 2 surge 4 vezes e o verniz 3, 9 vezes. Tal denota uma produção de qualidade mediana. Uma das peças teve problemas de cozedura e a sua pasta está enegrecida.

Os diâmetros de bordo são largos (130, 141, 149, 160, 183 mm), excepto em três casos (87, 94, 100 mm), o que indica uma certa primazia de materiais pré-flavianos (variante larga, Drag. 33a).

O fragmento de fundo n.º 100 (Mir-125-391) é o único diâmetro de pé conhecido, com 73 mm, tendo uma altura de pé-de-anel de 9 mm. O fundo dessa peça possui canelura interna e é praticamente horizontal, como parecem ser os três fragmentos de fundo lisos n.ºs 292, 293 e 186 (inventariados por Luísa Ferrer-Dias, 1976-1977, n.ºs 103, 104, 123). O primeiro destes três exemplares possui canelura externa, na ligação do fundo e da parede, e o último possui marca de oleiro.

As paredes dos exemplares conhecidos de Chãos Salgados são sempre rectas. Apresentam geralmente caneluras finas externas cujas posições na parede podem ser próximas do bordo ou a meia-altura. O bordo possui sempre canelura interna, como no n.º 98 (Mir-3-201). O n.º 99 (Mir-125-2486+3306) é o único fragmento de bordo liso conhecido.

O único exemplar com estratigrafia registada provém de um nível de inícios do século II, nas termas este, exumado nas campanhas luso-americanas (n.º 303: Biers, 1988, III.82-785-) e o seu diâmetro pequeno — 100 mm — condiz com uma cronologia a partir da época flaviana.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca	Cron./ Observ.
		292 (Dias, 1976- -1977, n.º 103)	f,bj	Canelura externa na união parede/fundo					
		186 (Dias, 1976- 1977, n.º 123)	f					IVNI	
		99 (Mir-125-2486 +3306)	b	bordo liso	2	2	db: 141 mm		
		100 (Mir-125-391)	f	duas caneluras no fundo interno	2	2	dp: 91 mm		problemas de excesso de cozedura
		98 (Mir-3-201)	b	incisão interna e externa ao bordo liso	2	3	db: 130 mm		
termas este Campanha lusó- -americana	room 12, locus 003	303 (Biers, 1988, n.º III.82-785-)	b				db: 100 mm		at least early 2nd c.

1.1.2.6. Tigelas Indetermináveis (Drag. 24/25 ou 27?)

Um conjunto de 48 fundos e/ou bojos indetermináveis fazem parte de tigelas cujas classificações mais prováveis serão as de Drag. 24/25 e Drag.27.

Deste conjunto, 23 exemplares possuem pasta 2, 21 exemplares possuem pasta 3 e 3 exemplares são de pasta 1; o verniz 3 surge 30 vezes, o verniz 2 surge 7 vezes, o verniz 4 em 8 exemplares, e o verniz 1 em 2 exemplares.

Nas análises metrológicas e morfológicas decidimos acrescentar os dados conhecidos para as Drag. 24/25 e 27, tratados atrás.

Os valores dos diâmetros de pé-de-anel variam entre 29 e 86 mm, tendo como ponto médio 55 mm. Distribuem-se pelos seguintes escalões:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
29 mm	1
30-39 mm	6
40-49 mm	16
50-59 mm	10
60-69 mm	6
70-79 mm	3
80-86 mm	1

As alturas de pé variam entre 6 e 13 mm, tendo como ponto médio 9 mm. Distribuem-se pelos seguintes escalões:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
6 mm	6
7 mm	1
8 mm	5
9 mm	10
10 mm	7
11 mm	3
12 mm	4
13 mm	3

Os diâmetros concentram-se sobretudo entre valores de 40 e 60mm; as alturas de pé centram-se em valores de 8 a 10 mm.

Dezasseis exemplares possuem canelura exterior no pé-de-anel, o que lhes confere uma cronologia essencialmente pré-flaviana.

Em 7 fragmentos de fundo verifica-se uma canelura interna, como é o caso do n.º 112 (Mir-25-2).

Nove exemplares possuem marca de oleiro. Os seus diâmetros variam entre 38 e 56 mm, pelo que seriam de peças pequenas ou médias.

Apenas 4 exemplares possuem contexto estratigráfico. Os n.ºs 64 (Mir-383-7) e 201 (Mir-531-187) — este último com marca e grafito — provém de UEs superficiais da área circundante à construção n.º 3.

O n.º Mir-727-38 pertence à UE 449 — ambiente 1 da construção n.º 1 —, datada de meados do século I ao primeiro quartel do século II.

O n.º Mir-860-41 pertence a uma UE com materiais rolados da encosta onde se situam as construções 1 e 2.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca/ Grafito
			216 (Dias, 1976-1977, n.º 127)	bj					Grafito: ONI [?] No fundo exterior
			198 (Mir-125-2485)	f		3	3	dp: 48 mm; hp: 12 mm	PASSENI MA
			175 (Mir-125-898)	f		2	4	dp: 41 mm; hp: 9 mm	---
			213 (Mir-138-19)	f		3	3	dp: 48 mm; hp: 6 mm	VITALIS
			110 (Mir-164-1-27-)	f		3	1	dp: 72 mm; hp: 8 mm	
			177 (Mir-164-2-465-)	f		2	3	dp: 44 mm; hp: 6 mm	"nebulosa irreductível"
			176 (Mir-200-59)	f		3	3	dp: 51 mm; hp: 6 mm]F
			178 (Mir-2-40)	f	Canelura externa a meia altura do pé-de-anel	3	3	dp: 38 mm; hp: 12 mm]M

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector	Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Descrição Morfológica	Pasta	Verniz	Medições	Marca/Grafito
			112 (Mir-25-2)	f	Canelura no fundo interno e a meia altura do pé	1	2	dp: 56 mm; hp: 13 mm	
			180 (Mir-25-7)	f		2	3	dp: 56 mm; hp: 10 mm	IV[
			111 (Mir-36-1)	f		2	1	dp: 29 mm; hp: 6 mm	
			174 (Mir-4-23)	f	Canelura externa a meia-altura do pé-de-anel	2	3	dp: 54 mm; hp: 10 mm]V
			113 (Mir-5-6)	f		3	4	dp: 41 mm; hp: 9 mm	
			114 (Mir-8-19)	f	Canelura a meia altura do pé	3	4	dp: 40 mm; hp: 9 mm	
área circundante a C3	1995-1996	53	64 (Mir-383-7)	f	Canelura no fundo interno	3	4	hp: 12 mm; dp: 56 mm	
área circundante a C3	1995-1996	112	201 (Mir-531-187)	F		3	3	dp: 42 mm; hp: 9 mm]MA / Grafito: "XI" no fundo interno
CI	1997-2000	449	Mir-727-38	F		3	4	dp: ?	
Encosta do museu	1997-2000	490	Mir-860-41	F		2	3	hp: 11 mm; dp: 46 mm	

1.1.3. Taças

1.1.3.1. Drag. 35

Esta taça possui a mesma cronologia que o prato Drag. 36 (= forma 2 do serviço A), tratada anteriormente. Vernhet classificou-a como a peça 1 do serviço A (Vernhet, 1976). Oswald e Pryce (1920, p. 192) consideram-na mais frequente do que a Drag. 36, em época flaviana.

Vernhet baliza os diâmetros de bordo dos exemplares desta forma entre os valores de 70 e 140 mm (Vernhet, 1976).

No naufrágio de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 125) definiram-se dois grupos de tamanhos:

- com um NMI de 24, peças com 82-92 mm de diâmetro de bordo, 35-42 mm de diâmetro de pé, e 32 mm de altura;
- com um NMI de 10, peças com 115-125 mm de diâmetro de bordo, 50 mm de diâmetro de pé, e 40-50 mm de altura.

Os diâmetros de bordo dos exemplares de Chãos Salgados variam entre 82 e 149 mm, havendo um valor de 170 mm que não é seguro (Dias, 1976-1977, n.º 102).

Neste exemplar, a decoração surge não apenas sobre o bordo, mas também sobre a superfície externa do bojo.

Em Cala Culip IV foram determinados vários estilos decorativos, relacionados com o número de folhas e de lágrimas e com o posicionamento das primeiras, tal como já havia sido feito no estudo da forma Drag. 36 (Nieto Prieto et al., 1989, p. 134 e 140).

Nos exs. de Chãos Salgados passíveis deste tipo de observação, a decoração em folhas de água dispõe-se da esquerda para a direita.

Tal como com a Drag. 36, também esta forma pode ter exemplares não decorados a barbotina. Nos dejectos de um forno de La Graufesenque existe pelo menos um exemplar liso, datado de Trajano/Adriano (Vernhet, 1981, fig. 11).

Em 3 exemplares a qualidade de fabrico é mediana: pasta 3 e verniz 3; noutros dois, a qualidade é um pouco superior — verniz 3, mas pasta 2 —, como acontece com o n.º 115 (Mir-26-6).

Um exemplar tem registo estratigráfico e provém de uma camada datada de inícios do século II, nas termas este, durante as campanhas luso-americanas: n.º 304 (Biers, 1988, n.º III.83-805).

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração	Cronologia
Termas este/ Campanha luso- -americana	room 12, locus 003	304 (Biers 1988, n.º III. 83-805)	b				folha de água a barbotina	at least early 2nd c.
		291 (Dias, 1976- -1977, n.º 102)	b,bj			db: 170 mm?	folhas de água a barbotina sobre o bordo e motivos fitomórficos a barbotina sobre o bojo.	
		115 (Mir-26-6)	b	2	2	db: 149 mm	folhas de água a barbotina	

1.1.4. Marmoreadas

O verniz marmoreado está datado, em La Graufesenque, entre os anos de 40 e 70 d.C. (Vernhet, 1976, p. 15).

As dez peças de Chãos Salgados apresentam uma qualidade de fabrico algo fraca: 7 exemplares de pasta 3.

O bordo da Drag. 18, n.º 125 (Mir-991-18-11), com 196 mm de diâmetro, integra-se no período intermédio (neroniano?), proposto para a “tendência evolutiva” dos diâmetros de bordo da Drag. 18.

Os dois fundos de prato, possivelmente de Drag. 18, já que é a única forma de prato representada, possuem valores de diâmetro de pé de 75 e 90 mm, os quais pertencem a escalões bem representados — cerca de 25 exemplares — no espólio de pratos indefinidos.

Os três bordos de Drag. 24/25, com 110, 112 e 120 mm de diâmetro de bordo, integram-se igualmente nos escalões mais representados desta forma, com cerca de 10 exemplares no total (ver *supra*).

O n.º 119 (Mir-484-82), com 74 mm de diâmetro na quebra de perfil do bojo, permite extrapolar um diâmetro de bordo inferior a 90 mm, o que condiz com as propostas de datação pré-flaviana para a Drag. 27.

Estes exemplares, ainda que poucos e sem contexto estratigráfico, possuem, então, uma característica em comum — a de pertencerem a escalões métricos medianos nas balizas do espólio, sendo que dois deles — no caso das Drag. 18 e 27 — foram até objecto de uma proposta mais segura de datação neroniana ou pré-flaviana. Não será lícito extrapolar, em absoluto, esta hipótese, para confirmar a “tendência evolutiva” da Drag. 24/25 proposta por Passelac e Vernhet, 1993), mas pretendemos deixar em aberto essa hipótese de trabalho, o que indicaria um cume de importações destas três formas numa época grosso-modo coincidente com os finais do período júlio-cláudio.

Em dois exemplares foi possível aceder à informação da sua proveniência: os n.ºs 125 (Mir-991-18-11) e 119 (Mir-484-82) pertenciam à “casa dos frescos”.

QUADRO DESCRITIVO

Sector	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Descrição morfológica	Pasta	Verniz	Medições
		123 (Mir-7-26)	D18	c		3	5	dc: 78 mm
		117 (Mir-200-60+105-196)	D24/25	b	Incisão interna imediatamente abaixo do bordo. Roleta.	2	5	db: 110 mm; hbc: 19 mm
		122 (Mir-23-180(9024))	D24/25	b	Canelura externa imediatamente abaixo do bordo.	3	5	db: 112 mm; hbc: 17 mm
		116 (Mir-3-187)	D24/25	b	caneluras interna e externa imediatamente abaixo do bordo. Roleta.	2	5	db: 120 mm; hbc: 17 mm
		121 (Mir-208-53)	D24/25 ou 27	bj		3	5	dc: 81 mm; dp: 43 mm
		124 (Mir-62-13)	D27	c		3	5	dc: 97 mm?
		120 (Mir-7-109)	P	f		3	5	dp: 75 mm; hp: 6 mm
Casa dos frescos		125 (Mir-991-18-11)	D18	b		3	5	db: 196 mm
Casa dos frescos	superfície	119 (Mir-484-82)	D27	f	duas caneluras externas no pé-de-anel.	2	5	dp: 42 mm; hp: 10 mm; dc: 74 mm
zona do touro "casa dos estuques"		118 (Mir-59-1[380-69])	P	f		3	5	dp: 90 mm; hp: 10 mm

1.2. Formas decoradas

1.2.1. Cálice

1.2.1.1. Drag. 11

Esta forma é considerada taça ou cálice, segundo Oswald e Pryce (1920, p. 65), ou apenas cálice, segundo Passelac e Vernhet (1993, p. 570).

É um vaso hemisférico, esvasado na sua parte superior, com bordo moldurado, de pedestal.

O único exemplar de Chãos Salgados — sem contexto — corresponde ao tipo Drag. 11A de Oswald e Pryce (1920, p. 65), considerado uma cópia de oleiros gálicos, a partir da forma homóloga da península itálica.

A sua cronologia centra-se no período tardo-augustano e júlio-cláudio, embora seja sempre produzida em quantidades baixas (Fiches, 1977, p. 133).

Nos níveis cláudios de Hofheim existem apenas 4 ou 5 exemplares (Ritterling, 1912, p. 212). Nos níveis flavianos deste último sítio, bem como em Rottweil e Newstead não existe qualquer exemplar (Oswald e Pryce, 1920, p. 65).

Mais recentemente, Passelac e Vernhet (1993, p. 570-1), estabeleceram 5 subtipos, denominados Drag. 11A-E., cujas cronologias se balizam entre 10 e 80 d.C. O tipo Drag. 11A — equivalente ao tipo A de Oswald e Pryce — está datado entre 10 e 80 d.C.

O exemplar de Chãos Salgados é passível, assim, de ter uma datação mais baixa do que o suposto geralmente para este tipo de peças sudgálicas, tidas a maior parte das vezes como ela-

boradas em épocas altas da vida das oficinas sudgálicas, embora a pequenez do fragmento de bojo, com finas caneluras, impeça qualquer outra apreciação sobre o seu estilo, nomeadamente quanto à sua decoração, já que não restou qualquer troço do campo ornado da peça.

QUADRO DESCRITIVO

N.º de Inventário	Morfologia
220 (Dias, 1976-1977, n.º 22)	bj

1.2.2. Taças

1.2.2.1. Drag. 29

Segundo Ritterling (1912) e Oswald/Pryce (1920), a Drag. 29 descende de cálices augustanos itálicos, de entre os quais alguns elementos metálicos poderão ter servido de protótipo para a forma gálica.

Alguns estudos demonstraram, entretanto, que a forma clássica sudgálica foi precedida de uma etapa prévia, durante a qual se estabeleceu a base do que viria a ser a Drag. 29 propriamente dita. Esta etapa prévia foi até ao momento atestada nas oficinas sudgálicas de La Graufesenque e Aspiran, entre 10 e 25/30 d.C. (Fiches, 1978, p. 43), ou, segundo Polak (2000, p. 124), até 20 d.C. Estes vasos não eram elaborados segundo a técnica normal da *terra sigillata*, parecendo pertencer à fase que podemos chamar de “imitação de *sigillata*” ou “*pré-sigillata*”, nomeadamente de La Graufesenque (Polak, 2000, p. 124; Fiches, 1978, p. 43). Nesta fase prévia, os exemplares de Drag. 29 possuem bordo de uma só moldura (Fiches, 1978, p. 43), ou de duas muito finas, roletadas (Fiches, 1978, fig. 1), o pé só raramente possui canelura na base e, como aspecto mais importante, a decoração é efectuada por estampa (Polak, 2000, p. 124; Fiches, 1978, p. 43).

Não é muito fácil perceber qual a data de transição desta fase prévia para a fase clássica da forma. A Drag. 29 terá começado a ser fabricada por volta de 10 d.C., segundo Passelac e Vernhet (1993, p. 573), embora estes autores não se refiram a qualquer etapa prévia. É uma forma essencialmente júlio-cláudia, com dados de comercialização seguros até aos inícios da era flaviana, quando as suas percentagens descem fortemente nos sítios de consumo. Passelac e Vernhet (1993, p. 573) situam o fim da produção em 90 d.C.; Polak (2000, p. 124) defende um término em 85/90 d.C., já que vários fragmentos desta forma surgem em sítios com níveis do último quartel do século I d.C., como Inchtutil, Bad Cannstatt, Saalburg e Watercrook, ou Rottweil (Knorr, 1912). Por outro lado, as decorações metopadas, ou com frisos contendo animais em corrida, ou ainda caracterizando animais livres no campo — esta última percussora do “estilo livre” do oleiro *Germanus* — são indicadores estilísticos de uma continuidade produtiva no último quartel do século I d.C., embora surjam em finais da época júlio-cláudia de forma esporádica (Oswald e Pryce, 1920, p. 74-5). Além do mais, Banassac e Martres-de-Veyres também produziram este tipo.

O decréscimo da sua exportação na época flávia é tido geralmente como seguro a partir de dados quantitativos de sítios de consumo: é o caso da “caixa de Pompeia”, datada de finais da década de 70 do século I d.C., na qual se encontraram 36 exemplares de Drag. 29 e 54 exemplares de Drag. 37, considerada a sua sucessora (Atkinson, 1914, p. 28). Contudo, no naufrágio de Cala Culip IV, vespasiano, as quantidades de Drag. 29 e 37 ainda se equivalem — 361 e 368 exemplares, respectivamente — (Nieto Prieto et al., 1989, p. 165).

Desde Ritterling (1912), Oswald/Pryce (1920) e Hermet (1934), os vários autores são unânimes em aceitar uma divisão morfológica em Drag. 29a e Drag. 29b, enquanto formas sucedâneas no tempo. A década de 40 deve marcar a transição formal em questão (Passelac e Vernhet, 1993, p. 573; Polak, 2000, p. 127). A primeira forma é mais hemisférica do que a segunda, com bordo

mais vertical, geralmente de apenas uma moldura roletada de pouca altura, ou de duas molduras iguais roletadas; o pé-de-anel, geralmente baixo, possui canelura na base e une-se ao fundo produzindo um ressalto (Polak, 2000, p. 127; Oswald e Pryce, 1920, p. 67). O campo decorativo é composto por dois frisos separados por uma faixa igualmente roletada (Polak, 2000, p. 128). Esta forma está fracamente representada em sítios cláudios como Hofheim (Ritterling, 1912, p. 216).

A forma Drag.29b é claramente maioritária já em sítios cláudios como Hofheim (Ritterling, 1912, p. 216). A forma não é hemisférica, mas carenada; o seu bordo é mais extrovertido perdendo a verticalidade da fase anterior e possuindo apenas uma moldura, roletada; o pé-de-anel aumenta um pouco de altura e torna-se igualmente mais espesso, podendo até já não possuir canelura na base; a dupla canelura do fundo interno, típica da Drag. 29a, passa a uma única canelura (Polak, 2000, p. 128). Os dois campos decorativos são divididos por uma moldura, que por vezes possui duas linhas de pérolas, como em Cala Culip IV. Neste naufrágio a maioria dos bordos possuem não uma, mas duas molduras roletadas (Nieto Prieto et al., 1989, p. 166). Em vários exemplares da Drag. 29b surgem três campos decorativos. É o caso de algumas peças da colecção cláudia de Hofheim (Ritterling, 1912, p. 217). Esta particularidade é mais numerosa na época flaviana, segundo os dados de Rottweil, Pompeia e Newstead (Oswald e Pryce, 1920, p. 68).

O estudo recente de Polak sobre o sítio de Vechten lança hipóteses quanto a conjuntos de diâmetros de bordo. O autor define 5 grupos, embora afirme que eles se sobrepõem parcialmente e que podem não reflectir uma evolução cronológica. Esses grupos são:

- A: cerca de 140 mm;
- B: cerca de 170 mm;
- C: cerca de 190 mm;
- D-E: cerca de 220-250 mm;
- F: cerca de 285 mm

Refere que na época pré-flaviana as *rations* entre os grupos são constantes, com uma liderança do grupo E, e que na época neroniana o grupo C, de diâmetros mais pequenos, torna-se dominante. Poderíamos então perspectivar uma evolução dos tamanhos dos diâmetros em modo decrescente (Polak, 2000, p. 126-8 e fig. 6.74).

O naufrágio vespasiano de Cala Culip IV apresenta uma extrema diversidade de diâmetros, o que torna a proposta de Polak, já de si algo tímida, ainda menos fiável. Neste contexto, os diâmetros variam entre valores de 157 mm — por 70 mm de altura — e 262 mm — por 106 mm de altura — (Nieto Prieto et al., 1989, p. 167).

Hermet (1934) estabeleceu 4 fases de evolução estilística das decorações das peças de *terra sigillata* de La Graufesenque: período primitivo (20-40 d.C.), período de esplendor (40-70 d.C.), período de transição (70-85 d.C.) e período de decadência (80-120 d.C.). Mais recentemente, Passelac e Vernhet (1993, p. 569) estabeleceram 6 fases estilísticas: período de ensaio (entre 10 e 20 d.C.; com justaposição de pequenos motivos geométricos ou florais), período primitivo (20-40 d.C., com motivos essencialmente vegetais, cuidadosos e sóbrios; período de esplendor (40-60 d.C.; com decoração vegetal cuidada, motivos mitológicos, cenas de circo ou de caça, alternância de métopas, cruces de Santo André e medalhões); período de transição (60-80 d.C.; decoração pesada, preponderância da simetria, sobreposição de zonas vegetais, métopas divididas, preenchimento barroco); período de decadência (80-120 d.C.; com decoração compartimentada em métopas rectangulares, personagens, cenas eróticas); período tardio (120-150 d.C.; decoração sem ordem nem simetria, novo predomínio de motivos geométricos simples).

Em Chãos Salgados, apenas foram determinados dois diâmetros de bordo com valores de 149 e 141 mm, desconhecendo-se o corpo decorativo da peça.

Este conjunto foi fabricado em pasta 3 (2 exemplares) e pasta 2 (2 exemplares); em verniz 3 (3 exemplares) e verniz 2 (1 exemplar).

O n.º 2 (Mir-759-6) é um fragmento de bojo com troço de decoração com o motivo de “Nautilus”, típico nos frisos inferiores das formas mais antigas da Drag. 29, embora ainda possa existir em época neroniana, através de oleiros como *Vitalis* (Oswald e Pryce, 1920, p. 72; Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193). Este fragmento provém de uma unidade de base do ambiente exterior norte da construção n.º 1 do nosso estudo, cuja fase Ia está datada da segunda metade do século I d.C. Este fragmento constitui o indicador cronológico mais antigo para este ambiente.

O n.º 127 (Mir-8-10), frag. de carena com 129 mm é decorado com um possível troço de Cruz de Santo André, realizada por cordão de óculos e roseta. Os cordões de óculos são característicos da primeira metade do século I d.C. (Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193).

O n.º 126 (Mir-79-3), com 141 mm de diâmetro, é de difícil classificação. A sua moldura pouco desenvolvida, embora roletada, pode ser o quarto de círculo superior de uma Drag. 27; mas o ressalto interno tão marcado levou-nos a considerá-lo como um fragmento de Drag. 29 de fabrico descuidado.

Quanto aos materiais já publicados por Dias, a sua coerência estilística é apenas quebrada por um fragmento de bordo, n.º 221 (Dias, 1976-1977, n.º 23), com uma moldura fina roletada e uma segunda lisa, o qual poderá pertencer à fase prévia da produção de Drag. 29, referida acima. A confirmar-se esta hipótese, este exemplar seria uma das primeiras importações de *terra sigillata* sudgálica neste sítio. Refira-se, contudo, que Dias descreve a pasta e o verniz de forma semelhante aos dos restantes exemplares do espólio: “pasta rosa vivo; engobe vermelho-rosado, medianamente brilhante”.

Os restantes fragmentos de bojo decorados integram-se na fase de esplendor, cláudio-neroniana, determinada por Hermet (1934, p. 182).

Os ornatos de folhagem, como os n.ºs 222 e 223 (Dias, 1976-1977, n.ºs 24 e 25), são extremamente frequentes nas Drag. 29 de La Graufesenque (Hermet, 1934, p. 76). Ornatos semelhantes ao do n.º 223 (n.º 25 de Dias, 1976-1977) surgem nos níveis neronianos de La Nautique, onde são abundantes (Fiches, Guy e Poncin, 1978, fig. 7, n.º 13). São comuns na primeira metade do século I d.C., embora atinjam a época flaviana (Oswald e Pryce, 1920, p. 73; Nieto Prieto et al. 1989). Podem conjugar-se com motivos animais que preenchem as concavidades inferiores dos ornatos, como acontece no n.º 222 (n.º 24 de Ferrer-Dias, 1976-1977). Esta decoração é normal no friso inferior, surgindo em peças da primeira metade do século I d.C. (Oswald e Pryce, 1920, p. 70.) e neronianas, como La Nautique e o depósito Cluzel 15 de La Graufesenque (Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193; Fiches, 1978, p. 49), mas tornando-se mais frequentes na era flaviana.

Os triângulos e imbricações, como n.º 225 (n.º 27 de Ferrer-Dias, 1976-1977) possuem uma cronologia semelhante (Johns, 1993).

Os festões, duplos como no n.º 227 (n.º 29 de Dias, 1976-1977), são abundantes na Drag. 29 de La Graufesenque (Hermet, 1934, p. 82). Surgem frequentemente em peças neronianas ou de inícios dos flávios (Johns, 1993, fig. 95, n.º 89; Nieto Prieto et al., 1989).

A Cruz de Santo André — n.ºs 224 e 226 (n.ºs 26 e 28 de Dias, 1976-1977) — é frequente na Drag. 29 (Hermet, 1934, p. 105). Surge em peças tibério-cláudias (Knorr, 1952). Nos níveis neronianos de La Nautique são um motivo bem representado, alternando com arcaturas e festões, composições arbóreas e medalhões (Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193), como acontece no n.º 224, onde surgem dois troços de medalhões, sendo perceptível um sátiro. Esta alternância de cruces de Santo André com medalhões é frequente na Drag. 29 (Hermet, 1934, p. 126). A decoração figurativa, nomeadamente com temas mitológicos, pode indiciar uma cronologia mais baixa, flaviana (Oswald e Pryce, 1920, p. 77), embora seja igualmente característico do período de esplendor (Passelac e Vernhet, 1993, p. 570).

Os dois fragmentos são compostos por cordões ondulantes, considerados sucedâneos aos cordões de óculos, tendo o ano 50 d.C. como ponto de transição (Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193), pelo que serão dos inícios da segunda metade do séc I d.C.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração
		221 (Dias, 1976- -1977, n.º 23)	D29	b				
		222 (Dias, 1976- -1977, n.º 24)	D29	bj				"friso limitado inferior e superiormente por uma linha de pérolas e composto por uma grinalda espiralada; recesso inferior ocupado por um coelho sentado à esquerda[...], recesso superior ocupado pela espiral e por uma roseta de seis pétalas."
		223 (Dias, 1976- -1977, n.º 25)	D29	bj				"Grinalda de tipo reflectido-decorrente; recesso superior preenchido por uma folha grande, muito recortada[...]; astragalo duplo, trifoliado."
		224 (Dias, 1976- -1977, n.º 26)	D29	bj				"Cruzes de Santo André alternando com figuras humanas dentro de uma moldura circular formada por três círculos concêntricos." A figura humana do círculo da esquerda poderá ser um Sátiro. Friso encimado por fiada de pérolas. "Figura alada dentro de motivo
		225 (Dias, 1976- -1977, n.º 27)	D29	c				"Dois frisos da zona inferior, separados por fina moldura. O primeiro friso era constituído por triângulos imbricados limitados lateralmente por linhas onduladas paralelas; do segundo resta a cabeça de um leão."
		226 (Dias, 1976- -1977, n.º 28)	D29	bj				"Decoração metopada formada por Cruzes de Santo André enquadradas por um motivo trifoliado entre dois cordões ondulados." Métopa definida por grinaldas trifoliadas. "Palmas"; grinaldas verticais a separar as métopas.
		227 (Dias, 1976- -1977, n.º 29)	D29	bj				"Friso inferior composto por um festão voluteado formado por uma linha bifida rematada por uma roseta de nove pétalas; do «jugum» cai um pendente terminado em ponta de seta."
		Mir-23-21(?)	D29	bj	3	3		Fiada de óculos intercalados com pés de flor na parte superior do friso. Abaixo, parte de um medalhão cuja figura é irreconhecível. À esquerda, talvez um troço de um ramo.
		126 (Mir-79-3)	D29	b	2	2	db: 141 mm	roletada
		127 (Mir-8-10)	D29	c			dc: 129 mm	canto de uma cruz de Santo André (?) com roseta. Um colar de óculos define inferiormente o friso.
Cr / 1997- -2000	469	2 (Mir-759-6)	D29	bj	3	3	dbj: 189 mm	troço de motivo de "Nautilus"

1.2.2.2. *Drag. 30*

A *Drag. 30* não sofreu uma evolução morfológica tão forte quanto a *Drag. 29*; no entanto, Ritterling (1912) — a partir dos exemplares do acampamento de Hofheim, Oswald e Pryce (1920) e, mais recentemente, autores como Passelac e Vernhet (1993) aceitam a separação entre dois subtipos, sucedâneos no tempo: *Drag. 30a* e *Drag. 30b*.

Passelac e Vernhet (1993, p. 573-4) datam a *Drag. 30a* entre 10 e 40 d.C. e descrevem este tipo como uma taça cilíndrica, de bordo moldurado roletado, com parede vertical que se une ao fundo côncavo produzindo uma carena. Os mesmos autores datam a *Drag. 30b* entre 40 e 110 d.C. e apontam como alterações em relação ao subtipo antecedente, o facto de a moldura do bordo se desenvolver em altura e não ser roletada. Adiantam ainda que os exemplares mais tardios podem ser ligeiramente esvasados.

Este esvasamento já havia sido assinalado por Oswald e Pryce (1920, p. 86 e 93), que o datavam a partir da época flaviana, segundo exemplares de Newstead e Rottweil. Ressalvam que, no entanto, o bordo vertical coexiste com as peças mais esvasadas, nestas épocas mais baixas. Indicam igualmente alguns aspectos morfológicos que podem ser tidos em consideração na datação dos espólios: o crescimento do troço plano entre a moldura e o campo decorativo, a partir da época cláudia; a existência de caneluras no pé-de-anel em épocas mais antigas, atributo que se torna mais raro nas peças recentes. Apesar de indicarem diferenças entre peças mais antigas e recentes, não distinguem sub-tipos, nem apontam uma clara cronologia de transição. Estes autores apenas sublinham que a *Drag. 30* foi realizada sobretudo por oleiros cláudio-neronianos, sendo menos usual em época flávia. Na "caixa de Pompeia", datada dos anos 70 do século I d.C., não existe nenhum exemplar (Atkinson, 1914)

Ritterling — autor que também apresenta uma única nomenclatura de *Drag. 30* = Ritt. 18 — classifica a maioria dos 50 exemplares de Hofheim como sendo de época cláudia e refere que os valores das alturas aumentam nas poucas peças flavianas, fenómeno este acompanhado por uma diminuição dos valores dos diâmetros; proposta que é aceite por Oswald e Pryce (Ritterling, 1912, p. 225; Oswald e Pryce, 1920, p. 86).

Na tabela tipológica apresentada por Vernhet, em 1986 (Vernhet, 1986b, p. 97), ainda não se distingue igualmente *Drag. 30a* e *Drag. 30b*, adoptando-se uma nomenclatura única de *Drag. 30*.

Em Chãos Salgados, mais nitidamente do que no espólio de *Drag. 29*, é visível uma melhor qualidade de fabrico nas produções decoradas, embora ainda sejam importantes os quantitativos de vernizes e pastas de tipo 3. Assim, determinámos as seguintes frequências de tipos de pastas e vernizes: pasta 1 (1 exemplar), pasta 2 (15 exemplares), pasta 3 (16 exemplares); verniz 1 (2 exemplares), verniz 2 (9 exemplares) e verniz 3 (21 exemplares).

Os diâmetros variam entre 91 e 164 mm, tendo como ponto médio o valor de 124 mm. Distribuem-se pelos seguintes escalões:

QUADRO DESCRITIVO

Escalão	exs.
6 mm	6
91-99 mm	1
100-109 mm	2
110-119 mm	3
120-129 mm	6
130-139 mm	4
140-149 mm	3
150-159 mm	1
160-164 mm	2

Raramente existem dois frisos no campo decorativo da Drag. 30. Conhecem-se alguns exemplares em La Graufesenque (Hermet, 1934, p. 117) Hofheim e Aislingen (Oswald e Pryce, 1920, p. 90). Os fragmentos de Chãos Salgados são demasiado pequenos para se perceber a existência de dois frisos.

Os fragmentos de bordo conhecidos são todos verticais e a moldura é lisa, o que poderá conferir-lhes uma cronologia entre 40 e 110 d.C., de acordo com as propostas acima referidas para a Drag. 30b.

Apenas uma grinalda foi detectada, no n.º 136 (Mir-191-2), e seria ladeada de ambos os lados por cordão de óculos. A raridade deste motivo no espólio estudado é coerente com outras informações, como as fornecidas por Hermet sobre La Graufesenque (Hermet, 1934, p. 117).

Os topos de friso conhecidos possuem sempre uma linha de óculos, motivo largamente maioritário nesta zona do friso decorado das Drag.30, nomeadamente em La Graufesenque (Hermet, 1934, p. 117).

Em 3 fragmentos surge a Cruz de Santo André. Em dois deles, n.ºs 131 (Mir-124-12) e 138 (Mir-143-9-t.29.III-), não é possível saber quais os motivos com os quais alternavam ao longo do friso. Segundo Hermet (1934, p. 126) e Oswald/Pryce (1920, p. 91), este motivo alterna frequentemente com medalhões e arcadas, plantas e animais figurados. No caso do n.º 236 (n.º 38 de Dias, 1976-1977), este motivo conjuga-se com uma métopa rectangular preenchida por folhas imbricadas e uma outra com figura masculina nua, parcialmente conservada. Se os dois primeiros exemplares podem ser considerados júlio-cláudios, em peças de Drag. 30 e 29 (Knorr, 1952, est. III; Oswald e Pryce, 1920, p. 91; Johns, 1993, fig. 91), já o terceiro fragmento pode ter uma datação mais recente, graças à maior divisão do campo decorativo, com uma métopa de folhas imbricadas, e à presença de uma figura humana, elementos que surgem com mais frequência nas épocas de transição ou decadência (Passelac e Vernhet, 1993, p. 570), embora sejam conhecidos em peças cláudio-neronianas, como em *Margidunum* (Oswald et al., 1948, est. I).

As arcadas são frequentes na Drag. 30 (Hermet, 1934, p. 126) e podem surgir alternando com outros motivos, o que acontece com o n.º 234 (n.º 36 de Dias, 1976-1977) e talvez também com o n.º 141 (Mir-2001-019-27-CENAC 63-). Em ambos os casos o arco contém um animal. No segundo caso, trata-se de um grifo, conhecido no último quartel do século I d.C., em Rottweil (Knorr, 1919, est. XCVIII). No primeiro caso, trata-se de um possível cão. Neste fragmento, o arco conjuga-se com uma figura humana. Este conjunto de motivos indica uma cronologia flaviana para as duas peças, época em que, justamente, as arcadas são mais frequentes (Oswald e Pryce, 1920, p. 92).

O n.º 232 (n.º 34 de Dias, 1976-1977) contém uma figura feminina segurando uma ânfora, sob arco, igualmente, com semelhanças a uma peça neroniana de La Nautique (Fiches; Guy e Poncin, 1978, fig. 12. n.º 9).

As imbricações ou folhas em forma de pontas de seta surgem no n.º 231 (n.º 33 de Dias, 1976-1977) e nos n.ºs 135 (Mir-991-8-1) e 134 (Mir-2001-019-4). Nestes dois últimos casos, preenchem métopas que se conjugam com outros motivos animais ou vegetais, respectivamente. Segundo Hermet (1934, p. 90), é normal surgirem junto a métopas com motivos de caça, como será o primeiro caso. Em USK, existem 3 fragmentos de Drag. 29, com imbricações datados de época cláudio-neroniana (Johns, 1993, n.º 32, 50 e 66). Imbricações sob ornato de folhagem, de modo semelhante ao do n.º 33 de Dias (1976-1977), surgem em Hofheim, na época cláudia (Oswald e Pryce, 1920, est. III).

Os temas de “estilo livre”, começados em época neroniana por oleiros como *Bassvs* e *Coelvs* (Oswald e Pryce, 1920, p. 93), tornam-se mais frequentes na era flávia, através de *Germanus* (Oswald e Pryce, 1920, p. 93). O n.º 294 (Mir-2001-019-26 = Pereira, 1971, n.º 1) possui bastantes semelhanças com Drag.29 flavianas de Rottweil, atribuídas ao último oleiro (Knorr,

1912, est. XII), tal como acontece com o n.º 235 (n.º 37 de Dias, 1976-1977), cujo felino tem paralelos em Drag. 30 e 37 de Rottweil, fabricadas pelo mesmo oleiro *Germanus* (Knorr, 1912, ests. XII e XIII).

O punção com o pássaro do n.º 140 (Mir-196-10) está datado por Oswald (1936-1937, n.º 2294) como nero-vespasião.

O n.º 133 (Mir-200-69) pode conter uma dançarina ou, mais provavelmente, um sátiro, com um paralelo em Drag. 37 de USK, datável dos finais do período flaviano ou trajano (Johns, 1993, n.º 142.), ou de Domiciano-Nerva, em *Margidunum* (Oswald et al., 1948, est. XXIII).

Uma figura mitológica — a de Baco — surge no n.º 233 (n.º 35 de Dias, 1976-1977), a par de um esquema de métopas subdivididas (o problema da metopização dos campos decorativos será abordado de maneira mais atenta aquando da análise das peças Drag. 29 ou 37), o que, em conjunto, confere aos dois exs. uma cronologia mais avançada, já que estes estilos são mais frequentes a partir dos flávios, sobretudo em Drag. 37 (Oswald e Pryce, 1920, p. 95-100).

O n.º 59 (Mir-0-661), proveniente de superfície da encosta do museu, bem como o n.º 68 (Mir-522-6), proveniente da UE 126 — possível enchimento de buraco de poste da construção n.º 3, contém apenas a fiada de óvulos que encimava o friso, o que não permite um comentário estilístico mais apurado. O segundo exemplar, embora depositado num buraco de poste, pode ter um significado cronológico pouco especial, pois a camada apresenta materiais modernos misturados.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração/Observações
		228 (Dias, 1976- -1977, n.º 30)	b				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando numa flor imperfeita, sobre uma fina linha ondulada".
		229 (Dias, 1976- -1977, n.º 31)	b				"Linha de óvulos quase imperceptível".
		230 (Dias, 1976- -1977, n.º 32)	bj				"Linha de óvulos dupla, imperfeita, com lingueta muito fina terminando numa roseta sobre uma linha ondulada".
		231 (Dias, 1976- -1977, n.º 33)	b				"linha de óvulos dupla terminando num motivo trifoliado parcialmente destruída aquando da implantação do bordo. O recesso inferior é decorado com motivos vegetais triangulares imbricados". Motivo vegetal.
		232 (Dias, 1976- -1977, n.º 34)	bj				"Friso de arcadas contendo figuras humanas: uma figura feminina virada à direita e levando na mão esquerda um vaso em forma de ânfora; para um e outro lado, figuras que não é possível classificar".
		233 (Dias, 1976- -1977, n.º 35)	bj				"Decoração de métopas simples alternando com métopas compartimentadas" (submétopas). "Conserva-se parcialmente, das primeiras, uma figura de Baco; das segundas, um coelho sentado à direita, no interior de um arco ornado com quatro borlas".

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração/Observações
		234 (Dias, 1976- -1977, n.º 36)	bj				"Da decoração metopada resta apenas uma coluna encimada por uma arquivolta enquadrando um cão em pé de que se conservam apenas as patas dianteiras; a linha divisória das métopas ornada de dois pedúnculos longos, ondulados, rematados por folhas (?), vestígios do que parese ser uma figura humana."
		235 (Dias, 1976- -1977, n.º 37)	bj				"Leoa saindo de uma caverna".
		236 (Dias, 1976- -1977, n.º 38)	c				"A decoração metopada entre linhas onduladas rematas por rosetas de oito pontas, apresenta três motivos diferentes: uma Cruz de Santo André com motivos vegetais bastante comuns; motivos trifliados laterais; folha trifoliada central; um painel de folhas imbricadas; uma figura masculina à esquerda, com as pernas nuas"
		237 (Dias, 1976- -1977, n.º 39)	c				
		238 (Dias, 1976- -1977, n.º 40)	f				
		239 (Dias, 1976- -1977, n.º 41)	f				
		240 (Dias, 1976- -1977, n.º 42)	c				
		131 (Mir-124-12)	bj	3	3	dbj: 132 mm	troço de fiada de óvulos intercalados por pés de flor imperfeitos. Separada deste por um cordão ondulante uma cruz de Santo André.
		Mir-125-3305	bj	2	3		troço de fiada de óvulos com relevo insuficiente por mau fabrico.
		138 (Mir-143- 9-t.29.III-)	bj	3	2		troço de fiada de óvulos intercalados com pés de flor de três pétalas. Separados destes por um cordão ondulante muito gasto encontra-se um troço da parte superior de uma cruz de Santo André constituída por uma roseta muito gasta e botão lanceolado.
		136 (Mir-191-2?)	bj	3	2		grinalda octofoliada ladeada por cordão de óculos.
		140 (Mir-196-10)	bj	2	3		fiada de óvulos intercalados com pés de flor de três pétalas. Um colar de óculos separa este motivo de um outro onde se vê a parte superior de uma ave.
		294 (Mir-2001- 019-26-V-)	bj	3	3		motivo vegetal: arbusto contorcido com frutos. Pata de animal (?). (Pereira, 1971, n.º 1)
		141 (Mir-2001- 019-27-CENAC 63)	bj	2	3		Grifo enquadrado em arcatura(?)
		134 (Mir-2001- 019-4-XIV)	c	2	3	dc: 144 mm	pontas de seta entre motivos vegetais (cordões ondulantes e folhas recortadas) enquadrados por cordões ondulantes.
		129 (Mir-2001- 019-6)	b	2	1	db: 125 mm	troço de fiada de óvulos intercalados por pés de roseta

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração/Observações
		133 (Mir-200-69)	bj	3	3	dbj: 91 mm	Possíveis dois troços vegetais separados por uma possível dançarina ou sátiro. Os troços vegetais apresentam folhas de palma e uma roseta.
		139 (Mir-200-88)	bj	3	3		canto de cruz de Santo André (?) e restante motivo indecifrável.
		Mir-20-20	b	2	2	db: 133 mm	
		128 (Mir-3-261)	b	2	3	db: 142 mm?	Limite superior do campo decorativo: fiada de óvulos e grinalda pouco perceptível imediatamente abaixo.
		137 (Mir-58-3)	bj	2	3		troço central de cruz de Santo André.
		130 (Mir-991-6-30)	b	3	2	db: 149 mm	Troço de fiada de óvulos intercalados com pé de roseta e abaixo uma folha de palma e outra folha recortada
Área circundante a C3/ 1995-1996	sup.	132 (Mir-484-88)	bj	3	3	db: 108 mm	Troço de fiada de óvulos intercalados com pés-de-flor. Um colar de óculos separa este motivo de um ornato vegetal com uma roseta..
Encosta do museu/ 1997-2000		126 68 (Mir-522-6)	bj	2	3		troço de fiada de óvulos
scala magno/ 1970	sup.	Mir-0-661	bj	2	3		troço de fiada de óvulos intercalados com pés de flor. Abaixo, um cordão ondulado define superiormente friso ou métopa.
		135 (Mir-991-8-1)	c	2	2	dc: 136 mm	métopas com pontas de seta e animal (bovino?) em rotação de 90 graus

1.2.2.3. Drag. 37

Esta taça hemisférica de bordo espessado foi dividida em dois subtipos sucedâneos, por Passelac e Vernhet (1993, p. 574). A Drag. 37a possui sempre uma fiada de óvulos a encimar o friso decorativo e, em alguns casos, está apetrechada de um bico e de duas asas; a Drag. 37b diferencia-se pela sua banda lisa mais extensa em altura, entre o bordo e a decoração, e pelo pé-de-anel mais baixo e largo. Estes autores datam a primeira forma entre 60 e 100 d.C. e a segunda forma entre 100 e 150.

Segundo Oswald e Pryce (1920, p. 95) esta forma deve ter como antecedente a Ritt. 8, cuja cronologia de fabrico mais intenso é da primeira metade do século I d.C. As peças mais recentes são de perfil mais pesado e lábio mais espessado, dois aspectos a acrescentar à proposta efectuada posteriormente por Passelac e Vernhet.

Os dados mais antigos provêm de contextos neronianos de Hofheim, sítio onde se detetaram 4 ou 5 exemplares (Ritterling, 1912, p. 231).

A sua produção torna-se mais intensa a partir da época flávia, segundo sítios como Cannstatt (Oswald e Pryce, 1920, p. 95), ou a “caixa de Pompeia” — onde predomina em face da Drag.29 — (Atkinson, 1914).

Os diâmetros de bordo das peças vespasianas de Cala Culip IV balizam-se entre valores de 127 e 260 mm, enquanto que as alturas das peças variam entre 62 e 129 mm (Nieto Prieto et al., 1989, p. 176).

No espólio de Chãos Salgados foi possível medir o diâmetro de bordo de 11 fragmentos, com valores de: 159, 161, 165, 174, 191, 204, 205, 212, 219, 231 e 239 mm. Em 6 fragmentos determinou-se os diâmetros de pé-de-anel: 66, 80, 82, 89, 91 e 108 mm. Apenas em 2 exemplares foi possível medir a altura do pé-de-anel: 7 e 11 mm.

Tal como nas outras formas estudadas, as pasta e os vernizes das peças de Drag. 37 situam-se em níveis medianos de qualidade. A pasta 1 ocorre em 1 exemplar, a pasta 2 em 7 exemplares, a pasta 3 em 8 exemplares; o verniz 1 ocorre em 1 exemplar, o verniz 2 em 3 exemplares, o verniz 3 em 12 exemplares.

Os n.^{os} 254 e 255 (n.^{os} 56 e 57 de Dias, 1976-1977) são datados pela própria autora na era de Domiciano-Nerva, proposta que condiz com os dados de outros sítios, como *Margidunum*,

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração/Observações
		241 (Dias, 1976- -1977, n.º 43)	b				"Linha de óvulos dupla, muito imperfeita; lingueta terminando num motivo trifoliado ou numa pequena flor mal desenhada".
		242 (Dias, 1976- -1977, n.º 44)	b				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando numa flor imperfeita".
		243 (Dias, 1976- -1977, n.º 45)	b				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando num motivo trifoliado".
		244 (Dias, 1976- -1977, n.º 46)	bj				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando numa roseta imperfeita sobre uma linha ondulada. Grinalda rectilínea e muito estreita formada por motivos vegetais trifoliados".
		245 (Dias, 1976- -1977, n.º 47)	bj				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando num motivo trifoliado sobre linha ondulada".
		246 (Dias, 1976- -1977, n.º 48)	bj				"Da decoração resta apenas uma linha de óvulos dupla, bastante imperfeita alternando com uma lingueta que termina num motivo floral de quatro pétalas (?); uma linha ondulada separa os óvulos do resto da decoração, de que apenas se conserva uma figura de Apolo"
		247 (Dias, 1976- -1977, n.º 49)	b				"Linha de óvulos dupla, com lingueta, tudo muito imperfeito".
		248 (Dias, 1976- -1977, n.º 50)	bj				"Linha de óvulos dupla, com lingueta".
		250 (Dias, 1976- -1977, n.º 52)	bj				"Linha de óvulos dupla com lingueta terminando num motivo trifoliado: friso superior formado por um festão: «jugum» e pendente em forma de longo botão enrolado; sobre um dos arcos dentados, restos de um pássaro à direita".
		251 (Dias, 1976- -1977, n.º 53)	bj				"Da decoração metopada apenas resta um sátiro, à direita, com um cacho de uvas na mão direita; e um centauro marinho sobre dois tufos vegetais de oito folhas, assente por sua vez num festão voluteado".
		252 (Dias, 1976- -1977, n.º 54)	bj				"Da decoração conserva-se parcialmente um friso dividido em métopas separadas por duas linhas onduladas e rematadas inferiormente por uma grinalda trifoliada entre dois cordões ondulados. A junção das linhas que formam os painéis é marcada por uma roseta
		254 (Dias, 1976- -1977, n.º 56)	f				"A decoração apresenta uma grinalda serpenteada com o recesso inferior cortado horizontalmente por uma linha ondulada com rosetas nas extremidades e tendo na parte inferior dois pássaros afrontados. Este friso era rematado por uma grinalda trifoliada"

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Morf.	Pasta	Verniz	Medições	Decoração/Observações
		255 (Dias, 1976- -1977, n.º 57)	bj				"Decoração de frisos o central é ocupado por uma grinalda larga serpenteada, com os recessos inferiores compartimentados; o inferior apresenta uma grinalda rectilínea de quatrifólios imbricados. [...] Rosácea de quatorze pétalas; tufo vegetal; roseta de seis pontas; pássaro."
		Mir-125-383	b	2	3	Db: 205 mm	
		Mir-138-117(um-77)	b	3	3	Db: 159 mm	
		142 (Mir-170-1[417])	b	2	3	Db: 239 mm	
		145 (Mir-31-1)	f	1	1	dp: 91 mm; hp: 7 mm	troço de grinalda bifoliada no limite inferior do campo decorativo
		Mir-3-433	b	3	3	db: 212 mm	
		143 (Mir-3-8)	b	2	3	Db: 219 mm	troço do limite superior do campo decorativo com fiada de óvulos muito desgastada
		144 (Mir-56-8[17-67])	b	3	2	Db: 204 mm	troço de fiada de óvulos no limite superior do campo decorativo
		146 (Mir-7-11[360])	f	2	2	dp: 89 mm	
		296 (Pereira, 1971, n.º 3)	f			Dp: c. 66 mm	animais (um deles um leão) separados por "flabellum", sobre grinalda trifoliada (=Almeida, 1964, fig. 74).
		297 (Pereira, 1971, n.º 4)	b			Db: c. 165 mm	troço de fiada de óvulos intercalados por pés de flor suspensos num cordão ondulante
C1 /1997- 2000	449	51 (Mir-727-111)	bj	2	3		grinalda bifoliada
Casa do peixe/1970		147 (Mir-991-10-1)	bj	3	3	db: 160 mm	Sector inferior do campo decorativo da peça: Cruz de Sto. André; medalhão com Cupido em friso definido por colar de óvulos; em baixo, grinalda trifoliada.
Encosta do museu/ 1997-2000	351	Mir-753-5	b	3	3	Db: 174 mm	troço de fiada de óvulos quase totalmente desgastado.

1.2.2.4. *Drag. 29 ou 37 e Drag. 29, 30 ou 37*

As cruces de Santo André n.ºs Mir-14-33, 153 (Mir-58-8), 152 (Mir-163-31), 151 (Mir-196-12), 150 (Mir-196-22), 149 (Mir-200-3), 148 (Mir-200-74), pela exiguidade do campo de leitura — que torna também relativa a classificação do punção —, não são fáceis de datar, pelo que optamos por uma cronologia do período de esplendor — 40 a 60 d.C. — (Passelac e Vernhet, 1993, p. 570), tendo igualmente em atenção o uso de linhas de óvulos na sua execução, o que as situa como anteriores a 50 d.C. (Fiches, Guy e Poncin, 1978, p. 193).

Os ornatos de folhagem dos fragmentos n.ºs Mir-3-97, 156 (Mir-20-25), 157 (Mir-82-2), 158 (Mir-157-6-um28-), 159 (Mir-991-18-10-7-) e n.ºs 253 (com pássaro), 257 e 258 (n.ºs 55, 59 e 60 de Dias, 1976-1977) enquadram-se nos períodos de esplendor e transição — entre 40 e 80 d.C. — (Passelac e Vernhet, 1993, p. 570). A folha do n.º 156 e 262 (n.º 64 de Dias, 1976-1977) surge em sítios como La Nautique — na época de Nero — (Fiches, Guy e Poncin, 1978, fig. 8), e em *Drag. 37* da época vespasiana, em La Graufesenque (Hermet, 1934, fig. 80).

O festão duplo espiralado do n.º 161 (Mir-2001-019-36) surge em Drag. 29 e 27, de contextos nero-flavianos, como USK (Johns, 1993, n.º 89) e Rottweil (Knorr, 1952, est. XX), sendo habitual nos frisos decorativos deste último sítio.

A grinalda do n.º 162 (Mir-32-5) é frequente em peças de Drag. 37, nomeadamente da “caixa de Pompeia”, podendo ter uma cronologia flaviana (Oswald e Pryce, 1920, ests. XIV e XV). Esta grinalda e uma outra semelhante à do n.º 164 (Mir-174-2) surgem igualmente em Drag. 37 de inícios da época flaviana, em USK (Johns, 1993, n.ºs 109 e 110).

Frisos representando animais livres no campo (cão do n.º 166: Mir-200-83), ou em corrida (javali do n.º 165 e animal do n.º 249), considerado um estilo precursor do “estilo livre”, datam de época nero-flaviana (Oswald e Pryce, 1920, p. 75).

Como já abordado no capítulo sobre a Drag. 37 (ver *supra*), medalhões contendo Cupido, alternando com Cruzes de Santo André, surgem em vasos desde Cláudio aos Flávios, e sobretudo nesta última época, sendo essa a baliza temporal do n.º 169 (Mir-23-104?).

Na época flávia tornam-se igualmente mais frequentes as figuras humanas (Oswald e Pryce, 1920, p. 77), como as dos n.ºs 167 (Mir-145-19) e 168 (Mir-2001-019-10). A exiguidade de ambos os fragmentos impede uma leitura satisfatória dos frisos decorativos. O n.º 167 pareceu-nos, numa primeira leitura, que continha um homem segurando um copo e a mão de um segundo homem; contudo, o único paralelo encontrado caracteriza dois sacrificadores ladeando um altar, ambos posicionados de maneira frontal, idêntica à da peça de Chãos Salgados, embora estejam de mãos livres (Hermet, 1934, est. 23, n.º 260 e 261).

As peças de cronologia mais tardia, no seio deste conjunto, são decoradas com figuras mitológicas, nomeadamente sátiros, integrados em frisos n.º 259 (n.º 61 de Dias, 1976-1977) e n.º 170 (Mir-2001-019-21), ou em métopas divididas, n.ºs 172 e 171 (Mir-2001-019-54 e Mir-991-9-3). O sátiro do n.º 171 segura uma ânfora, o mesmo acontecendo, provavelmente, com o n.º 170. São conhecidos sátiros que seguram, não uma ânfora, mas cachos de uvas, com datações igualmente de finais do século I d.C. (Johns, 1993, n.º 142; Oswald et al., 1948, est. XXIII).

Embora Hermet afirme que as métopas divididas surjam apenas em vasos cilíndricos e hemisféricos — Drag. 30 e 37 — (Hermet, 1934, p. 139), na verdade, existem igualmente taças de Drag. 29 com este tipo de decoração (Oswald e Pryce, 1920, p. 75).

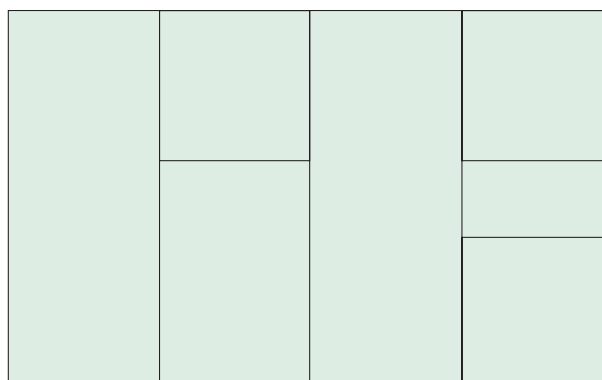
O sátiro de mãos livres, no interior de métopa, surge em peças domicianas (Knorr, 1952, est. XXIX).

Apesar de em dois fragmentos de Chãos Salgados, os personagens surgirem em frisos, supostamente, com ornatos vegetais, a datação para todos estes exemplares com sátiros deverá balizar-se entre Domiciano e Trajano (Johns, 1993, n.º 142; Knorr, 1952, est. XXIX; Oswald et al., 1948, est. XXII; Oswald e Pryce, 1920, p. 100).

As métopas divididas são datadas por Hermet (1934, p. 139) e Oswald/Pryce (1920, p. 75), a partir da época domiciana, o que condiz com as propostas cronológicas para os sátiros. Passelac e Vernhet (1993, p. 70) datam as métopas divididas do período de transição, entre 60 e 80 d.C., o que tornaria o reinado de Domiciano como ponto central para as peças de Chãos Salgados. Segundo estes dois autores franceses, a simetria é um aspecto preponderante no período de transição, entre 60 e 80 d.C., deixando de o ser no período seguinte, de decadência. De facto, este fenómeno de organização dos esquemas decorativos em métopas parece ser o mais recente do espólio decorado de Chãos Salgados.

O esquema decorativo do n.º 171 deve ser idêntico ao da fig.2 da monografia de Hermet sobre La Graufesenque (1934, p. 140). Nele observamos uma sequência denominada pelo autor como 1,2 — 1,3 — 1,2- 1,3. No caso de Chãos Salgados — tal como no exemplar de Hermet — o n.º 1 é uma métopa com uma figura (provavelmente mitológica); o n.º 2 é uma métopa dividida

em duas, com um sátiro em baixo e uma ave em cima; o n.º 3, a existir, será então uma métopa dividida em três, com possíveis motivos animais e festões duplos espiralados. É o seguinte este esquema, de um modo gráfico simplificado:



O estudo de Bémont (1972-3), sobre a composição das decorações no século I d.C., destaca a organização das zonas decoradas em torno de eixos de simetria, realizada de formas diversas, mas denotando uma coerência e unidade de raciocínio por parte dos oleiros. O modelo da Fig. 4,2-4 de Bémont aplica-se ao caso de Chãos Salgados, definido como divisão da superfície em grupos idênticos de métopas, mas com conteúdos divergentes, ou seja, em cada um dos tipos de métopas — 1, 2 e 3 —, os motivos podem não ser iguais.

Nos poucos fragmentos com contexto estratigráfico, o n.º 56 (Mir-753-4+6+7), provenientes da UE 351 da encosta do museu, denota uma organização em métopas simples, cujos conteúdos (pássaros diferentes) estão dispostos de maneira simétrica ou estática (Bémont, 1972-1973, p. 28).

O esquema de métopas, com *flabellum* e animais em corrida, nomeadamente javalis, surgem nos n.ºs 69 (Mir-518-1) e 71 (Mir-552-3+4), provenientes das UES 168 e 126, na área circundante à construção n.º 3. A combinação dos vários motivos decorativos indica uma cronologia flaviana, talvez domiciana, no seguimento do exposto acima.

Da mesma zona provém o n.º 70 (Mir-531-191), da UE 112, decorado com festões duplos espiralados, de datação nero-flaviana.

QUADRO DESCRITIVO

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Pasta	Verniz	Decoração
		295 (Pereira, 1971, n.º 2)	D29 ou 37			motivo vegetal: arbusto contorcido com frutos
		170 (Mir-2001-019-21)	D29 ou 37	2	3	troço de de coração figurativa (medalhão?) com sátiro
		168 (Mir-2001-019-10)	D29 ou 37	2	3	troço de decoração figurativa (mulher): campo inferior da peça
		161 (Mir-2001-019-36)	D29 ou 37	2	3	troço de friso compsto por festões e volutas intercalados com pés de flor
1971		171 (Mir-991-9-3)	D29 ou 37	2	3	submétopas com motivos figurativos: sátiro; ave; outro motivo não reconhecível. Submétopas definidas por colares de óculos unidos por rosetas.
		172 (Mir-2001-019-54)	D29 ou 37	2	3	submétopas definidas por colares de óculos unidos por rosetas. Numa das submétopas é visível um sátiro a dançar. Em baixo grinalda.

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Pasta	Verniz	Decoração
		249 (Dias, 1976- -1977, n.º 51)	D29 ou 37			Da decoração conserva-se parcialmente um «flabellum» [...] e as patas dianteiras de um animal formando salto. Uma linha ondulada sublinha esta decoração e enquadra, com outra linha lisa, uma grinalda composta por um motivo vegetal".
		253 (Dias, 1976- -1977, n.º 55)	D29 ou 37			"Da decoração conserva-se apenas parte de uma grinalda de tipo reflectido-decorante; folha cordiforme; folha lanceolada; ganso".
		259 (Dias, 1976- -1977, n.º 61)	D29 ou 37			"Da decoração resta parte de uma grinalda serpenteada com recessos inferiores ocupados por figuras e folhas: sátiro dançando, à esquerda".
		260 (Dias, 1976- -1977, n.º 62)	D29 ou 37			"Da decoração resta apenas parte do corpo de uma lebre à direita, sobre uma linha ondulada".
		261 (Dias, 1976- -1977, n.º 63)	D29 ou 37			"Grinalda reflectida-decorrente de que se conserva uma pequena porção".
encosta do museu/ 1997-2000	351	56 (Mir-753-4+6+7)	D29 ou 37	3	3	métopas com pares de aves. Campos definidos por cordões finalizados por rosetas.
área circundante a C3/ 1995-1996	168	69 (Mir-518-1)	D29 ou 37	3	3	animal correndo em salto sobre um "flabellum". Métopa definida por cordão de óculos rematado por roseta imperfeita.
área circundante a C3/ 1995-1996	112	70 (Mir-531-191)	D29 ou 37	3	3	motivo vegetal.com folhagem recortada e ramos terminando em botão.
C1/ 1997-2000	375	8 (Mir-717-34)	D29 ou 37	3	3	Motivo vegetalista?
		151 (Mir-196-12)	D29 ou 37	3	3	troço de Cruz de Santo André (em baixo) separada por um colar de óculos de fiada de óculos com rosetas (?) intercaladas.
		Mir-3-77	D29 ou 37	2	3	troço de ornato de folhagem (?) com limite do campo decorativo materializado por cordão irregular
		158 (Mir-157-6-um28-)	D29 ou 37	1	2	troço de grinalda bifoliada separada de ornato de folhagem(?) por colar de óculos com roseta incorporada.
		152 (Mir-163-31)	D29 ou 37	2	3	troço central de cruz de Santo André.
		Mir-11-8	D29 ou 37	2	3	troço demasiado exíguo para uma leitura
		153 (Mir-58-8)	D29 ou 37	2	3	troço central de cruz de Santo André.
		Mir-14-33	D29 ou 37	2	3	troço central de cruz de Santo André.
		157 (Mir-82-2)	D29 ou 37	2	3	troço de ornato de folhagem com finos ramos ondulantes.
		164 (Mir-174-2)	D29 ou 37	2	3	troço de grinalda trifoliada marginalizada por cordão liso.
		162 (Mir-32-5)	D29 ou 37	2	3	campo inferior da peça com troço de grinalda bifoliada marginalizada por colar de óculos e festão duplo bifoliado, com espiral terminando em roseta; de um provável jugo cai um pendente parcialmente visível que termina em ponte de seta com aletas.
		149 (Mir-200-3)	D29 ou 37	2	3	troço de cruz de Santo André (?) com botão lanceolado.

QUADRO DESCRITIVO [Cont.]

Sector/ Campanha	UE	N.º de Inventário	Tipo	Pasta	Verniz	Decoração
		148 (Mir-200-74)	D29 ou 37	3	3	troço de cruz de Santo André (?) com roseta.
		150 (Mir-196-22)	D29 ou 37	2	3	troço de fiada de óculos intercalados com pés de flor de três pétalas. Um colar de óculos muito gasto separa este motivo de uma possível cruz de Santo André e do terminus de um motivo vegetal(?).
		156 (Mir-20-25)	D29 ou 37	3	3	troço de ornato de folhagem com ramo terminando em folha recortada.
		173 (Mir-200-89)	D29 ou 37	2	3	colares de óculos com canto de roseta definem duas sub-métopas. Numa delas parede existir um ornato de folhagem
		165 (Mir-3-103)	D29 ou 37	2	3	parte mesial e anca de um animal (javali?), em corrida.
		166 (Mir-200-83)	D29 ou 37	2	3	cabeça e pata de cão em frente a folhagem larga.
		163 (Mir-7-20-190-)	D29 ou 37	3	3	muito gasta: dois festões sob colar de óculos (?)
		169 (Mir-23-104?)	D29 ou 37	2	3	medalhão com a figura de Cupido. À esquerda do medalhão encontra-se um motivo vegetal talvez pertencente a uma cruz de Santo André
		167 (Mir-145-19)	D29 ou 37	2	2	dois homens afrontados, sendo apenas visível a cabeça e o braço de um deles e a mão de ambos (o da direita segura um copo?) — dois sacrificadores (?) .
área circundante a C3/ 1995-1996	126	71 (Mir-522-3+4)	D29 ou 37	2	2	cena de caça(?): os dois fragmentos possuem troço de friso ou métopa marginalizada por cordão ondulante, contendo elementos vegetais (tufos) e dois animais em corrida podendo ser um deles (Mir-522-3) um javali, com crista no dorso e focinho alongado; o

N.º de Inventário	Tipo	Morf.	Decoração
256 (Dias, 1976-1977, p. 58)	D29, 30 ou 37	bj	"Tufo vegetal muito comum, formado por oito folhas sobre linha de pequenas pérolas, rematada por rosetas".
257 (Dias, 1976-1977, p. 59)	D29, 30 ou 37	bj	"Da decoração resta um fragmento de grinalda. [...] Folha recortada, com sete pontas; botão alongado".
258 (Dias, 1976-1977, p. 60)	D29, 30 ou 37	bj	"A decoração é, aparentemente, formada por Cruzes de Santo André alternando com uma figura humana.[...] O que resta da figura humana não permite identificação".
262 (Dias, 1976-1977, p. 64)	D29, 30 ou 37	bj	"Da decoração resta apenas o pé de uma figura humana dentro de uma moldura circular formada por três círculos concêntricos, e uma folha trifoliada".

2. Análise dos Oleiros

Bassus i — Segundo Bémont (1976) e Polak (2000), trabalhou em La Graufesenque; Bémont e Bourgeois (1986) acrescentam a este centro Boucheporn, Carrade e Lezoux. A cronologia tibério-vespásiana é defendida por Bémont (1976) e Hofmann (s.d.). Polak (2000, p. 177) indica o início da actividade por volta de 45 d.C., tendo uma produção predominantemente cláudio-neroniana, e terminando a sua actividade em 70 d.C. Está presente em La Nautique — Nero — (Fiches, Guy e Poncin, 1978), mas não surge em Cala Culip IV — Vespásiano — (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Crestus ou **Crestio** — Situado em La Graufesenque, por Bémont e Bourgeois (1986), foi datado de Cláudio-Vespásiano por Oswald (1931) e de Nero-Vespásiano por Bémont (1976). Hofmann (s.d.) estende a sua cronologia entre 40 e 90 d.C.. Polak (2000, p. 213-216) data este oleiro entre 50 e 110 d.C. e não aceita a proposta de Hartley e Dickinson (Polak, 2000, p. 213-6) da existência de um oleiro *Crestio*, pré-flaviano e de um oleiro *Crestus*, pós 70 d.C.; duvida igualmente que o nome *Crestus* tenha existido em La Graufesenque e aponta como provável origem do punção *Chrestus*, a Itália, opondo-se a Oswald (1931) e Bémont (1976). Está presente nos níveis neronianos de La Nautique (Fiches, Guy e Poncin, 1978).

Iucundus i e ii — O oleiro *Iucundus* trabalhou em La Graufesque e Montans (Bémont e Bourgeois, 1986) e tem uma cronologia cláudio-flaviana, segundo Oswald (1931), podendo recuar a Tibério, segundo Knorr (1952, pl. XXIV; Bémont, 1976, p. 46). Surge em contextos antigos como a fossa de *Cirratius* (35-40 d.C.) e Velsen 1 (Polak, 2000, p. 242); em La Nautique — Nero — (Fiches; Guy e Poncin, 1978) e em níveis flavianos de Corbridge e Watercrock (Polak, 2000, p. 262). Polak (2000, p. 262) propõe a existência de dois oleiros que tenham trabalhado sucessivamente no tempo: um *Iucundus i*, entre 40 e 70 d.c. e um *Iucundus ii*, entre 70 e 100 d.C.. O primeiro assinaria com um punção em nominativo (IVCVND) e o segundo com as indicações de *officina*, seguida de genitivo (OF IVC). Esta proposta de Polak é corroborada pelos dados do naufrágio vespásiano de Cala Culip IV, onde a marca de IVCVND é rara e a marca de OF.IVCVNDI é predominante (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Iunius — À semelhança de Oswald (1931), Bémont (1976) situa este oleiro em La Graufesenque e data-o como cláudio-flaviano.

Labio — Trabalhou em La Graufesenque, Banassac e Lubié (Bémont e Bourgeois, 1986). Oswald (1931) data-o de Cláudio-Nero. Polak (2000, p. 249) considera que este oleiro está bastante bem representado neste período, em sítios como Hofheim, La Nautique, fossa de *Galicanus*, mas os dados de Velsen 1 podem fazer recuar o início da sua actividade a Tibério; além disso, surge em sítios de raiz flaviana como Chester ou York, pelo que a sua actividade pode estender-se até esta época, embora não surja em Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197). Esta cronologia de século I não se conjuga com a hipótese de ter trabalhado em Banassac, pelo que o oleiro deste centro deve ser um outro, homónimo.

Libertus — Trabalhou em La Graufesenque, Lezoux, Lubié e Les Martres-de-Veyre (Bémont e Bourgeois, 1986). Oswald (1931) considera-o cláudio-neroniano. Polak (2000, p. 251-252) estende a cronologia até 70 d.C., embora o considere essencialmente pré-flaviano. Este oleiro não está presente em La Nautique, nem em Culip IV (Fiches, Guy e Poncin, 1978; Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Masculus i — Trabalhou em La Graufesenque (Bémont, 1976), durante Cláudio e Vespasiano (Oswald, 1931), tendo existido um segundo oleiro com o mesmo nome, em Domiciano (Oswald, 1931; Polak, 2000). O primeiro oleiro surge na fossa de *Cirratius*, pelo que a sua cronologia pode recuar a Tibério (Polak, 2000, p. 263-264) e estender-se até aos anos 70 d.C.: os dados posteriores a esta década são raros e entre eles conta-se a presença de 1 marca de *Masculus*, na fossa 79 — datada de Domiciano/Trajano — (Vernhet, 1981), tendo o autor do estudo deste depósito identificado um grupo de 727 peças, constituído por este oleiro e *L. Tertius Masculus*, com 726 exemplares (Polak, 2000, p. 263).

Mercator — Segundo Bémont — seguindo Oswald (1931) — (1976, p. 52), terá trabalhado em La Graufesenque e Banassac, embora a mesma autora considere posteriormente ser apenas proveniente de La Graufesenque (Bémont e Bourgeois, 1986). Oswald (1931) propõe cronologia domiciana-trajana, embora Knorr (1919, est. 57) recue a Vespasiano. Polak (2000, p. 269), aceita esta cronologia vespasiana, já que considera existirem Drag. 24/25 de perfil menos cuidado, posteriores a 70 d.C., com a sua marca, e defende o fim da actividade deste oleiro por volta de 100 d.C. Está presente na fossa 79 (Vernhet, 1981). As suas marcas surgem essencialmente em nominativo, geralmente abreviado (MERCATO, MERCA, MERC) e poucas vezes em genitivo (Polak, 2000, p. 270), o que seria indicador de uma cronologia mais alta.

Mommo — Bémont (1976) e Bémont e Bourgeois (1986) situam este oleiro em La Graufesenque e datam-no de Cláudio-Vespasiano, como Oswald (1931). Hofmann (s.d.) aponta uma cronologia entre 40 e 80 d.C. Surge em níveis de combustão de *Camulodunum*, dados de inícios dos anos 60 d.C., e em contextos domicianos como Corbridge, Saalburg e Salisburg, pelo que Polak (2000, p. 273-274) estende a sua cronologia entre os anos 50 e Domiciano. É provável que os 7 exemplares de marca MO presentes em La Nautique — Nero — se refiram a este oleiro (Fiches, Guy e Poncin, 1978); surge no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197), na Caixa de Pompeia (Atkinson, 1914) e na fossa 79, domiciana-trajana (Vernhet, 1981).

Murranus — Segundo Oswald e Bémont, trabalhou em La Graufesenque, entre Cláudio e Vespasiano (Bémont, 1976, p. 55). Bémont e Bourgeois (1986) acrescentam um outro centro produtor, o de La Madeleine, a este oleiro. Polak (2000, p. 276) defende o início da sua actividade em Tibério, segundo dados de Velsen 1, embora admita uma cronologia principal cláudio-neroniana. Este oleiro produziu moldes para Drag. 29, cujas decorações são de meados de século I d.C.; surge ainda em sítios flavianos, como Corbridge. Uma marca em La Nautique — Nero — pode pertencer-lhe (Fiches, Guy e Poncin, 1978).

Murrus — Tal como Oswald (1931), Bémont (1976) situa este oleiro em La Graufesenque e data-o de Cláudio-Vespasiano.

Nicius — Oswald (1931) situa-o em La Graufesenque e Montans e data-o de Nero-Vespasiano. Surgem 4 marcas no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV: 1 marca de F NICI, em Drag. 27, e 3 marcas de F NICIO, em Drag. 24/25 (Nieto Prieto et al. 1989, p. 197).

Passenus ou **Passienus** — À semelhança de Oswald (1931), Bémont (1976) data este oleiro de Nero-Vespasiano e situa-o em La Graufesenque, posição também defendida por Hofmann (s.d.). Polak (2000, p. 282) estende a sua cronologia até à década de oitenta, a ver

pela sua presença em Chester, Nijmegen e York. Contudo, este oleiro não surge na fossa 79 (Vernhet, 1981). Embora não surja em La Nautique (Guy; Fiches e Poncin, 1978), está muito bem representado num contexto neroniano de *Vitodorum-Oberwintherthur*, na Suíça (Ebnöther, Mees e Polak, 1994; Mees, 1994). Surge em Cala Culip IV — Vespasiano —, com 34 marcas sobre Drag. 29 (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Pater — Oswald (1931 e Bémont (1976) situam-no em La Graufesenque e datam-no de Cláudio-Vespasiano. Bémont e Bourgeois (1986) situam este oleiro num leque de centros: La Graufesenque, Lezoux, Les Martres-de-Veyre, Saint-Saturnin.

Primulus — Segundo Bémont e Bourgeois (1986), trabalhou em La Graufesenque, Montans e Lezoux. Polak (2000, p. 295) acrescenta Espalion, defendendo que houve um oleiro de Montans, mais antigo, e um segundo de La Graufesenque e Espalion, mais recente, embora não especifique; indica um outro oleiro homónimo de Banassac, no século II. Oswald (1931) data um só oleiro de Cláudio-Nero, cronologia reiterada por Hofmann (s.d.). Polak (2000, p. 296) propõe cronologia nero-flaviana, pois surge em Corbridge. Está presente no naufrágio vespasiano de Cala Culip IV, em 11 exemplares de Drag. 18 (Nieto Prieto et al. 1989, p. 197).

Primus — Bémont (1976) propõe cronologia cláudio-vespasiana, à semelhança de Oswald (1931), e La Graufesenque e Montans como centros de produção; posição reiterada por Hofmann (s.d.). Posteriormente, Bémont e Bourgeois (1986) identificam uma série ampla de centros onde este oleiro terá trabalhado: Avocourt, Carrade, La Graufesenque, Jonquières, Montans, Le Rozier, Saint-Saturnin, Terre-Franche, Valèry. Polak (2000, p. 296-302) defende a existência de vários oleiros homónimos, já que surgem 114 marcas em Vechten, datadas entre 20 e 80 d.C., sendo que muitas podem datar-se do terceiro quartel do século I d.C. e muitas outras de épocas anteriores. Os esquemas decorativos de *Primus* datam-se de 70-85 d.C. e a sua heterogeneidade é um argumento para a existência de vários oleiros homónimos (Polak, 2000, p. 296-302). Está presente em La Nautique — Nero — (Guy, Fiches e Poncin, 1978) e Cala Culip IV — Vespasiano — (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197) e uma datação ligeiramente posterior a Vespasiano pode ser corroborada pela sua presença na fossa 79 (Vernhet, 1981).

Rufinus — Bémont e Bourgeois (1986) situam este oleiro em La Graufesenque, Montans e Heilingenberg. Oswald (1931), Bémont (1976) e Hofmann (s.d.) datam-no de Nero-Domiciano. Surge em contextos vespasianos como Cala Culip IV e a Caixa de Pompeia (Nieto Prieto et al. 1989, p. 197; Atkinson, 1914) e na fossa 79 de La Graufesenque, domiciana-trajana (Vernhet, 1981).

Sabinus — Bémont e Bourgeois (1986) indicam um grupo de centros onde este oleiro trabalhou: Chémery, Le Rozier, La Madeleine, Montans, Les Martres-de-Veyre e Le Rozier, excluindo La Graufesenque. Oswald (1931) data-o de Nero-Vespasiano. Na sequência de Oswald (1931), Polak (2000, p. 313) defende a existência de vários oleiros homónimos (*Flavius Sabinus* e *L.S.Sabinus* em cerâmica lisa; *C(aius)I(ulius) SA(binus)* em cerâmica decorada), sendo que vários terão trabalhado em La Graufesenque, e propõe cronologia da segunda metade do século I d.C.. Em Vechten, todos os punções estão em *cognomen* e datados de 45-100 d.C., no entanto, Polak distingue cronologicamente punções com letras mais regulares (50-80 d.C.) de outros mais irregulares (65-100 d.C.). Este autor distingue

igualmente a cronologia dos moldes deste oleiro: um, datado de 50-80 d.C., para Drag. 30 e H. 15; outro, não especificado, datado de finais do século I d.C.. *Sabinus* surge em La Nautique (Guy, Fiches e Poncin, 1978), Cala Culip IV (Nieto Prieto et al. 1989, p. 197) e na fossa 79 (Vernhet, 1981).

L.C. Virilis — Trabalhou em La Graufesenque, segundo Bémont e Bourgeois (1986). Oswald (1931) data-o da época flaviana, embora pense que *L. Cosius* e *Virilis* são oleiros distintos, já que podem surgir em marcas diferentes. Polak sugere a existência de um oleiro *L.C. Virilis*, datado entre 75 e 110 d.c., julgando que ele e *Virilis* são a mesma pessoa, que por vezes apenas usa o *cognomen*. Baseia-se essencialmente na fossa 79 de La Graufesenque (Vernhet, 1981), onde surgem *Virilis* e *L. Cosius Virilis*, largamente representados (juntamente com *Cosius Rufinus* atingem 94 exemplares) e onde surge igualmente um oleiro *L. Cosius*, com 30 exemplares de Drag. 37, sendo que alguns destes vasos ilustram a vitória de Trajano sobre os Partos, em 116 d.C., pelo que este oleiro é necessariamente mais tardio.

Vitalis ii — A existência de um oleiro em La Graufesenque, entre Cláudio e Domiciano, foi defendida por Bémont (1976). Posteriormente, Bémont e Bourgeois (1986) alargaram o número de centros em que ele teria trabalhado: Avocourt, La Graufesenque, Lavoye, Lezoux, Les Martres-de-Veyre, Le Pont-des-Rèmes, Vichy. Segundo Polak (2000, p. 353-4) terão existido dois oleiros homónimos. *Vitalis i*, entre 45 e 70 d.C. consta na lista de oleiros A1, presentes em grafitos de pré-cozedura de La Graufesenque; este grupo A1, data do terceiro quartel do século I d.C. e consiste em duas listas inscritas em pratos, uma delas contendo a marca de *Castus* (Polak, 1998). *Vitalis ii* terá trabalhado entre 65 e 110 d.C. e surge em 3 das 4 listas do grupo C de grafitos de pré-cozedura de La Graufesenque, datada de finais do século I d.C. (Polak, 1998). Este oleiro surge em Hofheim e Wiesbaden, pelo que Polak (2000, p. 354-8) defende o seu início ainda em época júlio-cláudia, embora seja frequente em sítios ocupados a partir de 80 d.C. (Polak, 2000, p. 354-8). *Vitalis* não surge em La Nautique — Nero — (Guy, Fiches e Poncin, 1978), mas surge em Cala Culip IV e na Caixa de Pompeia — Vespasiano — (Nieto Prieto et al. 1989, p. 197; Atkinson, 1914) e na fossa 79 de La Graufesenque (Vernhet, 1981). Produziu moldes para Drag. 29 e 30, com decorações de época flávia; mas também utilizou moldes de *M. Crestio* (Polak, 2000, p. 354-8).